



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Poetizando sonhos

Abelardo Nogueira
(Autor)

Poetizando sonhos



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza - Ceará

2019

Copyright © 2019 by INESP
Coordenação Editorial
João Milton Cunha de Miranda
Assistente Editorial
Andréa Melo
Diagramação
Mario Giffoni
Capa
José Gotardo Filho
Revisão
Lucia Jacó Rocha
Coordenação de impressão
Ernandes do Carmo
Impressão e Acabamento
Inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

N778p Nogueira, Abelardo

Poetizando sonhos/ Abelardo Nogueira. –
Fortaleza: INESP, 2019
192p

ISBN: 978-85-7973-121-1

1. Poesia. Literatura, Ceará. I. Título.

CDD 808.1

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

Inesp
Av. Desembargador Moreira, 2807
Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar
Dionísio Torres
CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil
Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707
al.ce.gov.br/inesp
inesp@al.ce.gov.br

Agradecimentos

Agradeço a Deus, primeiro.
Do qual a vida procede.
Pela sorte que antecede.
O aspiro derradeiro.
E quem, seguindo o roteiro.
Devotou distinto grado.
Neste sonho emoldurado.
Ao gosto do coração.
De mim, toda gratidão.
Meu muitíssimo obrigado!

Dedicatória

Com carinho, entretanto,
Convém, pois, congratular.
À toda minha família
E, de modo singular,
Ao deferir meu desejo,
Qual decantado versejo
Quero, por fim, dedicar.

À Artemiza Correia
E também Ana Maria
Nascimento, poetisas
De nobre categoria,
Que usando de bravura
Semeiam nossa cultura
E cultivam poesia.

E a quem, logrando bom gosto,
Fez-se um apreciador
Da poesia, e, decerto,
Do livro sabe o valor,
Desejo boa leitura
E em nome da cultura,
Um abraço do autor.

Apresentação

Dos versos Itinerário, O cais, Cidade Noturna, Ciúme, Escalada, Só e em outros poemas da obra repleta de franqueza de Abelardo Nogueira encontram-se formas de repensar nossa atuação no mundo e de nos transformar enquanto cidadãos.

A leitura é um ato transformador e a formulação de políticas públicas culturais faz parte de um amplo plano que visa ao desenvolvimento socioeconômico do país. A questão da formação de leitores já entrou na pauta das políticas públicas há algumas décadas, mas, ainda assim, precisa ser fortemente incentivada.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, colabora, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, disponibilizando obras diversas à sociedade cearense. A publicação em questão, de inquestionável qualidade, manifesta o nosso desejo de ampliação do acesso à cultura.

Deputado José Sarto

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do
Ceará

Prefácio

Poemas verdadeiros e consistentes instigam o nosso imaginário e a nossa vida simbólica. Suas palavras levam-nos a uma interpretação própria e inteligente, com diversas representações.

O autor deste livro, o poeta Abelardo Nogueira, é proprietário de um estilo criativo e possui visível talento para criar, o que prova seu largo conhecimento sobre os sentimentos e as relações humanas, sendo, com certeza, um leitor contumaz.

A melodia e a rima contidas neste Poetizando Sonhos encantam-nos e conduzem-nos a perceber o significado de cada expressão, apresentando-nos um amplo e impactante mundo desenhado pelas palavras. Assim, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, orgulhosamente, disponibiliza esta obra que possibilita diversas visões de mundo, como forma de levar aos leitores o que há de boa literatura dentro do mundo da cultura.

João Milton Cunha de Miranda

Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas
sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

Sumário

Itinerário.....	17
Por conseguinte.....	18
O cais.....	19
Referências.....	20
Cidade noturna.....	21
Ciúme.....	22
Dia das Mães.....	23
Encantos.....	24
Ser tão cearense.....	24
O coração de quem ama.....	26
Escalada.....	27
História da criação.....	29
João Filó.....	32
A mulher que amo.....	33
Senna.....	34
O cair da noite na praça da matriz.....	36
O Pindaíra.....	37
Reminiscências.....	38
A partida.....	39
Só.....	41
O adeus ao Mestre Messias Holanda.....	42
26 de março de 2018.....	42
O cair da tarde na praça do Cigs.....	45
Busca Itinerante.....	46
Preta, pretinha.....	47
Vida boa.....	48
Voar, voar.....	49
Saudade.....	50
A cadeia.....	50
Minha Cruz.....	51
Minha esposa.....	52
Ternura divina.....	53
Como, quando.....	54
Epigrama.....	56
Uma moça é uma flor.....	57

O dia	59
Saudosismo.....	59
Princípio da humanidade	60
O poeta	60
Inspiração	61
Aniversário	61
Símbolos de Aracoiaba.....	62
Pedra aguda.....	62
Pedra da Tamanca	62
Ponte do trem.....	63
Estação ferroviária	63
Vã filosofia.....	64
Frenesi	65
O meu amigo João	66
Não há nada mais bonito!.....	67
A construção.....	69
Solidão	70
Moro no meio do mundo	71
Lembranças	72
Amar.....	73
O Ribeirinho	74
Desabafo	75
Seu Antonio Joventino.....	76
Vagão	78
Sonetinho de amor distante.....	79
O meu torrão	80
Súplica.....	82
Coisas.....	83
Mulher amável.....	84
Ceará.....	85
Ser Humano	87
Simplismente Maria	88
Num segundo.....	90
Aracoiaba, minha terra natal.....	91
Francisco Lima Freitas.....	92
Ser.....	94
Pais.....	95

Advertência.....	96
Prece	97
Quisera	99
Infinito amor.....	100
Poetas	101
Estudo.....	102
O vale.....	103
O cortejo	104
Águas do Rio Mar	105
Acróstico	106
Artemiza.....	107
Contemplação.....	108
Coisas de mim	109
Um novo dia	110
O suíço.....	111
O retirante	114
O anoitecer na praia de Iracema.....	115
Alegria Sertaneja.....	116
A festa passarineira.....	117
O tempo	119
O amanhecer	121
Se	122
Gratidão.....	123
O Seringueiro.....	124
A chegada do inverno	125
Rio Aracoiaba	126
Casa de farinha	127
Constatação	128
O crepúsculo	128
Amor proibido.....	129
Fonte de cultura	129
Presente de páscoa.....	130
O anoitecer em Várzea Queimada	131
Minha mãe... ..	133
Tempo, discernimento e recordação.....	135
Século XXI	136
Paixão.....	140

Educação	141
A janela	143
Amor	145
Insigne ser	146
Sônia	147
Tudo	148
Acróstico	149
Considerações	150
A seca do quinze	152
Lembranças de minha vó	155
Apelo	156
Passa tempo	156
Quando chove no sertão	158
Além de mim	160
O sertanejo	161
O Arco	162
Mulher	164
Amor	165
Você	166
Perspicácia	167
Viver	167
Bom dia	168
Enlevo	169
O carnaval	169
Vida, o bem maior	170
Enfim... ..	171
O pilão	171
Aracoiaba, antiga Canoa	174
Ana Maria Nascimento	175
O Sábado	177
Devaneio	178
O dia em que nasceu um gênio	179
O pescador	180
Citações	183
Sobre o autor	184

Itinerário

Tu! ...
Quão sublime ser
Que ousou nascer
E desabrochar.
Qual flor perfumosa.
E brilhar, como estrela mimosa.
E colorir o meu eu.
E dedicar minha sina
Minha alma campesina
Meu rústico eternizar.
Meu simples pretender
Meu querer dizer, eis-me aqui!
Já te busquei nas plagas nordestinas
Que seja, nortistas, andinas...
Vi-te envolto a mim, como bel prazer.
E na candura, ei-la vultosa.
Ó ares da manhã dengosa
Ó brisa do entardecer.
Já te cruzei nas idas mais longínquas
Já te encontrei nas vindas mais profícuas
E te segui por caminhos suntuosos.
Protegi-te dos vales espinhosos
E sem mais porquês,
Não te perco nem na aridez do instinto.
Além de tudo, em tudo sempre sinto.
Que tudo enfim, me leva a Ti.

E como não te ver
Se antes te enxergo.
Se jamais te nego
E tu me norteias
Se não és alheia
Se a ti, conheço.
Se acaso mereço
E se assim o for,
Dê-me o teu amor
Como um justo preço.

Por conseguinte...

Certo, posto que somente,
É o fim que nos espera.
Cada um que se supera
Como todos igualmente
Pois, terá à sua frente,
Numa ordem decrescida
Pelo julgo da partida
O decrepitar da sorte
Onde o fraco e o forte
Enfim, são iguais na vida.

O cais

Porto de Santana - Macapá

Ainda distante, já vistoso, porém,

O navio se aproxima!

E aos olhos de quem ansioso o espera, eis a trazer tantos sonhos, algo que era antes de partir, apenas um desejo norteado pela vontade de chegar.

Comumente, pois, já perto buzina, fazendo-se notável e tanto.

Quão grandioso, reduz-se à calma, e num querer, portanto, prepara-se para a atracação.

Quanta ansiedade!

Tanta comoção!

A vislumbrar indiferente o cais

Todos se veem, sem nenhum jamais.

E assim, volvendo-se e a se defrontar, tal qual um formigueiro, posto que relutam num pretender inteiro buscando achar, entre idas e vindas, o lugar que cabe,

O mais próximo, quem sabe.

O abraço a ser dado

O dizer esperado

As boas vindas...

O encontro fatal!

Todavia, aos poucos vão descendo e se arrebanhando.

E por fim, se misturando,

E, de tal modo tão distintamente,

Cada um cumpre, diferente,

Um gesto tão igual.

Referências

As vivências que guardamos
Na vida é sabedoria
Alento pra se viver.

Miscelânea de saudade...
Ato de se retratar
Revelando em gestos nobres
Inda que sem perceber,
A face do ser humano.

Numa ciranda de estrelas
A vida enfim, se envaidece.
Sorte de quem se irradia
Com uma glória advinda.
Importa não esquecer
Maranguape-personalidades
E conflitos, sua história,
Nas nuances do caminho
Toda alegria transborda
Ocultada em seu silêncio.

**Professora, escritora e poetisa aracoibense,
reconhecidamente consagrada pelo seu talento, pelas suas obras e
pelas tantas academias que integra.**

Cidade noturna

Ao meu amigo Duda Nogueira

Cidade nua,
Noturna ilusão do amor.
Luz da fantasia,
Negra dor.
Punhos, armas, muros e esquinas.
Sonhos de menina,
Risos de mulher.

Cidade bela.
Triste sentimento.
De gestos rudes,
De sinistros momentos.

Ó musa do brilho,
Teus raios tão fortes
Iluminam a sorte de tantos andantes,
E os teus amantes que errantes brindam o ócio,
Instigam o suplício da paz.
Cândida noite
Atônita voz.
Coração veloz.
Lágrima que cai.
Esquálido vulto.
Pavor, emboscada.
Vida acabada na penúria de um ai.
Cidade,
O teu desatino é luto, é guerra.
Teu íntimo encerra cruel solidão.
De tantos destinos e mentes sombrias.
De fria paixão.

Viime

Se a mim não basta o que sinto
Quanto a ti, porém aceito.
Ouvir algo a teu respeito
Muito embora às vezes, minto.

Se, indagam por tua beleza,
Tal seja meu otimismo
Sou vítima de egoísmo
E finjo não ter certeza.

Quando esqueço, então e falo,
Antes que ouçam, me calo,
Sem que a ti por mim conheçam.

Pois, assim velando o medo
Tudo que faço é segredo,
Para que os outros te esqueçam.

Dia das Mães

Treze de maio, um dia
de festa no calendário.
De quem é mais importante
no mais nobre relicário:
a minha sagrada mãe,
pois, é seu aniversário.

Parabéns a todas elas,
queremos lhes dedicar
os melhores dos presentes,
conforme se possa dar
e as bênçãos mais merecidas
que já se pôde ganhar.

Tamanho é sua grandeza
que poucos acham medida.
Mas, a quem ousa enxergar,
não passa despercebida
e descobre que elas são
a melhor coisa da vida.

Porque delas existimos,
devemos reconhecer.
Os méritos que tem elas,
a graça de conceber,
aquilo que elas nos dão
nunca vamos devolver.

E já que só se tem uma
e não há valor cobrado;
porque amor não se vende
vem de Deus e é doado,
só nos resta lhes dizer:
ó mamãe, muito obrigado!

Encantos

Encantos veem meus olhos,
Suma e pura divindade.
Se não me engano, é verdade,
São dotes de criatura.

Delíneo de uma escultura
Emoldurada em pessoa.
Cujo olhar brilha, ressoa.
Como um prisma reluzente.

Seu corpo é como a nascente
Descortinando a pureza.
Obra que a mãe natureza

Com todo zelo criou.
Pôs no mundo e consagrou
Como mostra de beleza.

Ser tão cearense

Poesia matuta

Ser cearense é pai d'égua,
Coisa boa de querer.
A gente não se encabula,
Não tem vergonha de ser
E nem precisa aprender,

Cabra assim, já nasce feito,
Não carece inventar jeito
Basta usar categoria,
Provar que tem serventia
Para qualquer um sujeito.

Um arriégua aqui,
Um macho véi, acolá,
Tu és doido, abestado!
Tu és lá do Ceará
Se diz só pra variar.
Muiesinha, cadê tu?
Ô bicho véi presepeiro
Caba fêi e sem dinheiro
Cabeça chata, rapaz
Tô nem aí, tanto faz
Eu gosto é do meu roteiro.

Quem quiser virar o disco
E se meter a gabola,
Que vá pra baixa da égua
E procurar outra escola.
Pra cearense não cola
Ficar nesse vai e vem.
E você que ainda tem
Vergonha do que se diz,
Dê valor tua raiz
E sejas feliz também

O coração de quem ama

O coração de quem ama
É doce sonho é celeiro
É raio de luz é cheiro
De primavera a florir
É flora diversa é brilho
De um vasto céu fulgurante
É uma busca incessante
Por uma glória a surgir.

Qual universo guardado
É um mistério ou tesouro
É luzente igual o ouro
É feito chuva a correr
É rio que nunca seca
É a margem que se banha
É como a paixão que assanha
A volúpia do querer.

É uma fonte que exala
Toda sorte, e a mais altiva,
É mais que relíquia viva
Ou qualquer força advinda
É razão de tudo o quanto
Que por fim da vida emana
É o ascender de uma chama
Que só cresce e nunca finda.

Escalada

Escalei os degraus do pensamento.
Debrucei-me nos raios do crepúsculo
Vi nascer o dia.
Sorri...
Sorri à cândida visão.
Contemplei o sol.
Chorei ao torpor dos corpos em desalento.
Caminhei sobre a poeira e corri à pressa incoibível do tempo.
Minhas pegadas fincaram-nas no chão.
Calei-me ao desatino dos espíritos.
Fi-los acalmarem-se com minha mansidão.
Ponderei!
Exultei no silêncio a bonança de minha alma.
Depois falei..
Falei ao criador.
Invoquei-o.
Maravilhei-me nas suas obras,
E expurguei-me na sua onisciência.
Encantei-me na sabedoria dos pensadores.

Suas palavras devastadas pelo tempo...
Imaginei-as.
Ouvi a voz dos poetas.
Li-os.
Consumi suas páginas.
Cantei...
Da infância saudosa de Lobato

A canção da América.
Ah! Quantos Miltons houvesse!
Desbravei o preconceito, exterminei-o.
Fiz tocar o canto de Vândré
E contemplei os torturados pela História.
Respirei.
Então segui...
Enxuguei o meu rosto transpirado.
Os meus passos tornaram-se mais longos.
Culminei o horizonte longínquo do meu olhar.
Atravessei o deserto da minha ilusão.
E cheguei.
Por conseguinte...
Quisera agora descansar, somente...
E depois continuar.

História da criação

No princípio foi assim:
Nosso Pai Celestial
Criou o céu e a terra,
Mas, a terra, por sinal,
Era sem forma e vazia
No seu modo natural.

Reinavam, porém, as trevas,
Nos tantos abismos seus.
O silêncio repousava
Em todos os apogeus,
E pairava sobre as águas
O Espírito de Deus.

Faça-se a luz! Deus falou.
Fizera-se de repente.
Logo Deus ficou contente
E das trevas separou.
Então Deus determinou:
Trevas sejam noite fria.
Porém, a luz que irradia,
Parte visível e sã.
Houve tarde e manhã
E foi o primeiro dia.

Seja feito o Firmamento!
Eis que fora sem demora.
Disse Deus: que haja agora,
Entre as águas do relento,
Um infindo afastamento.
Assim se fez, todavia.
Deus chamou com alegria
De céus, qual sublime afã.
Houve tarde e manhã
E foi o segundo dia.

Disse Deus: formem-se os mares
Venha a terra aparecer.
E nela veio a nascer
Relva, matas e pomares.
Das espécies, os milhares,
De toda sorte que havia.
Vendo, Deus, a serventia,
Contentou-se em seu divã
Houve tarde e manhã
E foi o terceiro dia.

Haja astros, Deus dissera!
Para os céus iluminar.,
Dos quais, dois pra regular,
Dia, noite, ano e era.
Seja o sol tão grande esfera
E a lua tenha magia.
Trevas, não terão valia,
Sem fulgor é coisa vã.
Houve tarde e manhã
Eis que foi o quarto dia.

Encham-se as águas de vidas
De toda espécie e tamanhos.
Monstros marinhos, estranhos,
Aves sejam concebidas
E voem sem ter medidas,
E na vastidão vazia,
Disse Deus: mesmo sem guia,
Terão sorte cortêsã.
Houve tarde e manhã
Eis que foi o quinto dia

Disse Deus: tenha animais
Na terra, haja bonança.
Mansos e sem temperança,
Também, répteis e outros mais.
Fez o homem, pôs sinais,
Deu poder e autonomia
Pra dominar toda cria
Que devotou ao seu clã.
Houve tarde e manhã
Eis que foi o sexto dia.

Concluiu Deus, com intento,
O feito da criação.
Em seis dias, e viu o quão,
Fora bom o seu invento.
O sábado, pois, atento,
Santificou-o sem porfia
Contemplou em harmonia
A sua obra louçã.
Houve tarde e manhã
E foi o sétimo dia.

João Filó

**Os que consultam a história
Refletem admirados
Sobre a imorredoura glória
Da arte antiga e notória
Dos menestréis inspirados.
(Francisco das Chagas Soares)**

Cantando as coisas da vida
Com a viola no peito
João Filó fez com respeito
Do seu verso sua lida.

No ofício da "cantoria"
Jamais fora derrotado
Pois desbravou seu legado
Com zelo e sabedoria.

Foi mestre no seu repente
Versejou pelo sertão
Fez mote, rima e canção.
Encantou a muita gente.

Hoje o estro cancionista
Apenas lhe faz lembrar:
Foi poeta popular
E cantador brasileiro.

A mulher que amo

A mulher que eu amo
É como uma fonte
Que jorra no monte
E, molhando o chão,
Espalha com zelo
Ao viço da flor
Um exímio frescor
Em alta estação.

Jorra leve, altiva,
Tácita brancura,
Exibindo a candura
De sua pureza.
Seu doce amavio
Qual flora cheirosa
Dá perfume à rosa
E vida à beleza.

A mulher que eu amo
É como um poema,
Tem cor de Iracema
E o gesto que aclama
O instinto bravio
E acalma e acende,
É a musa que prende

Um coração que ama.
Caminha à sombra
Pela terra estranha.
E se despe e se banha
Em outro oceano.
Distinta se porta
Á virtude e tanta
Pois é como santa
A mulher que amo.

Senna

Uma família do Distrito de Jaguarão, Aracoiaba-Ce.

Abeirando a estrada,
Sob a tênue poeira do tempo, ali está;
Distinta como nenhuma,
Infundida nas reminiscências de um então,
Indelével e tão serena,
A estirpe de uma
"Senna",
Família de tradição.
Traços de um apogeu
A refletir os gestos afanados
De ir e voltar de tantos eus,
Em busca de si.
A casa de esquina...
O comércio...
O trânsito que não para...

O pau-de-arara,
Um vislumbre à pedra aguda
Um distinto gosto
Um sorriso no rosto
Um aceno à vida.
"Senna",
Ativa, tranquila!
Gente que perfila
Sonhos, gratidão.
"Senna",
Qual lume que irradia
A vila,
O dia a dia,
O jaguarão!
"Senna",
Quão desvelo!
Ou certamente...
Mais que raramente,
Zelo, ou algo, enfim...
"Senna",
Parece pequena
Como um "poema."
Mas, um poema às vezes tanto diz de tão pequeno que
basta um pouco ou menos para transbordar.
"Senna",
Vê-se em si!
Sempre a prosseguir
Sem o ato acabar!...

O cair da noite na praça da matriz

Rio Branco, abril de 2003

Blém, blém, blém!...
O sino da matriz soa renitente.
Seis pancadas, seis horas...
Vai-se o dia calmamente
Como uma embarcação.
O Sol inclinando-se no horizonte
Mergulha no crepúsculo reluzente,
Aberto como um leque de belezas
E eternas grandezas
Cuja vastidão do universo
Incessante, ousa contemplar.
A noite vem!...
Mansamente como a nau que se aproxima.
Com ela a beleza terna, feminina,
De uma musa tão serena a que o azul do céu
Se curva a admirar.
Acendem-se as luzes.
Os sonhos se enfeitam.
A praça se ilumina.
Na matriz, os fiéis adentram piedosos.
Nos bancos, corpos se entrelaçam,
Ávidos, ardorosos...
Enquanto o vento sopra itinerante,
A volúpia dos amantes,
O cheiro da colina,
O perfume dos jardins.
Eis que anoitece.
A lua envaidecida aparece
Sobre a claridade da cidade.
É noite, enfim!...

O Pindairra

Tenho no peito alegria
De poder ser trovador,
Isto me dá euforia
Nestes meus cantos de amor
(Vera Austragésilo)

Homem simples do sertão
Um distinto glosador
Que demonstrou seu valor
Com altiva retidão
Bem doou seu coração
E amou alguém um dia
Porém foi a poesia
A sua maior paixão.

De olhar firme e sorridente
A descrever com presteza
Qualquer ato de nobreza
Ou que fosse simplesmente
Um encanto, um de repente,
Algo mais ou coisa à toa
"Enfim", era rima boa,
Fazia-lhe, pois, contente.

Qual sorte lhe concebida
Que fonte tão bonançosa?
Seu poetar, sua prosa,
Sua obra enaltecida.
E assim ponderando a lida
Sua arte foi completa
Pois nascer e ser poeta,
Foi seu presente da vida.

Reminiscências

Em memória de meu Irmão.

“Eternas Lembranças”

Já conheceste a morada
Onde o Senhor preparou
A triunfante chegada
O Arcanjo que te levou.

Nós louvamos a bondade
O proceder improfano
Guiaste ao Ser Soberano
Um princípio de verdade
Em glória fez-se a vontade
Imortal, eternecida
Reminiscências da vida
A nós ficou a saudade.

A partida

Não me procure mais...
Pois não me encontro aqui.

Não me faça perguntas
Meu silêncio já te respondeu.

Não olhe para mim.
Estou enxergando além.

Não comas comigo,
Já me saciei.

Não mostre o que és,
Pois te conheço!

Não importa o que achas de mim,
De mim, importa o que sou.

Não te escondas jamais,
Não te buscarei.

Não precisas lembrar
Posto que esqueci.

Não me agradeças
O que fiz por ti só já valeu.

Não te percas em teus pensamentos
Eis que me achei fora dos meus

Não tropeces no meu rastro
Já os apaguei.

Não toques em mim
Minha sombra reclama.

Não esperes um feito
De tudo já fiz.

Não me compares a tal...
Igual, nunca serei.

Não me ignores o gesto
Mais vale o meu ato.

Não grites tão alto
Estou ouvindo a mim.

Não penses que estou só
Tenho um eu comigo

Não aches que tens tudo
Sei o que te falta

Não tenhas tanta pressa
O tempo é ponderado.

Não evites a mim
Já não me incomodas.

Não sentes comigo
Estou me retirando.

Não esperes por mim
Eis que já saí...

Só

Duas letras formam o "só".
Veja que contradição.
Se "só," é coisa de "um",
E um só, não é dois, não...
Como é que "s" e "o"
Provam tal afirmação?

Então, "só," é descabido.
E só por si só, se explica.
Porém é o acento agudo
Que por sobre o "o" se aplica
A única das razões
Pelas quais se justifica.

Se o "só", pois, não fosse tônico.
Nem o "o," acentuado.
"Só," seria outra coisa.
Outro significado
"Só", não queria dizer,
Alguém desacompanhado.

Mas como o "só", só não é,
E de só nada se tem
"Só", é palavra fingida,
E somente para alguém
Que só não vê que na vida
"Só", não vive sem ninguém.

Adeus ao Mestre Messias Holanda
26 de março de 2018

A música cearense
Outra vez se despediu
De mais um ilustre filho
Que honrou o seu perfil
De artista e de ser humano
E seguindo em outro plano
Deu-nos adeus e partiu

Tantos outros já se foram
Por certo em seus cumprimentos
Deus achou por bem chama-lo
Pro descanso ou aposentos
Não por não mais agradar
Talvez para os agendar
Noutros futuros inventos

Ficamos por fim, em luto
De alguém que um dia nasceu
Com o destino inerente
À sina que Deus lhe deu
Cuja arte em harmonia
Fez-se nele serventia
Em tudo que concebeu

Toda a vida dedicada
Ao ofício de cantar
Alegrando a todos nós
Chegando até consolar
Os que guardam a história
E ousam ter na memória
Os heróis para lembrar

Impossível esquecer
Toda sua produção
Os bons tempos em que o rádio
Não tinha poluição
E, tocava, na verdade
Música de qualidade
Em sua programação

Sucessos eternizaram
O seu gosto forrozeiro
Feitos com carinho e arte
Não em troca de dinheiro
Letras, simples melodia
Compunha a discografia
Desse gênio cancionista

Fiel às suas origens
Seu estilo, na verdade
Moldava-se com respeito
E tal criatividade
Em temas que, divertidos
Usavam duplos sentidos
Porém, com moralidade

Um talento itinerante
Sua música se expandiu
No Ceará, no Nordeste
E entre outros se ouviu
Ganhando o gosto notório
Entrou para o repertório
Dos cantores do Brasil

Sua voz inconfundível
Seu jeito peculiar
Todos que o acompanhavam
Esse homem exemplar
Gozavam da primazia
Nas notas, na harmonia
No desejo popular

Setenta e seis anos foram
Sua benquista existência
Os palcos sua guarida
Também fonte de influência
Servindo de inspiração
Pra esta altiva missão
Sua eterna preferência

Todos logo lamentamos
O seu aceno final
Ao passo que agradecemos
De maneira triunfal
Por esse tal baluarte
Que engrandeceu nossa arte
Com seu legado imortal

Esta saga resumida
A qual cheia de bravura
Rende justa homenagem
A tão distinta figura
Que entre nós, pois, já não anda
Nosso MESSIAS HOLANDA
Herói da nossa cultura.

O cair da tarde na praça do Cigs

Manaus-Am

Meio dia! Calor, o céu cintila,
Contente a bicharada em brincadeiras,
Lúdicas pela mata, e as palmeiras,
No alto exibem pompa e clorofila.

Vão-se os carros cruzando na avenida
Freme o asfalto grita, abrasador.
Distinto um solitário beija-flor
Flertêa uma roseira colorida.

Vai-se o sol, cai a chuva bruscamente!
No horizonte um lampejo reluzente
Risca o céu, sinuoso ao seu clarão.

Denso o bosque goteja em ventanias,
Os pássaros entoam melodias,
Sorri a praça num gesto de benção.

CIGS – Centro de Instrução de Guerra na Selva - é uma área militar entre a qual está localizado o zoológico. O CIGS é uma referência nacional e de grande importância para a região.

Em Manaus, ir ao zoológico é estar em perfeita harmonia com a natureza e, ao mesmo tempo, em contato com a fauna amazônica.

Busca Itinerante

Goiânia, dezembro de 2015

Eis que me norteia, o teu querer pungente.
Por caminhos longos e fontes tão puras
Com renhidas forças e sanas loucuras
Contemplando o brilho de um sonhar contente.

Qual sorte me guia sem volver-me à dor
Quão distinto gesto sempre a revelar
O primor dos atos a eternizar
O sublime zelo por um grande amor.

E por fim, sem pejo, medo ou desalento,
Cujo ego cheio de contentamento
Urge por direito, em mim, pois, transbordar.

Como o rio segue tão perenemente,
Vou ao teu encontro, qual água corrente,
Que busca o destino, o infindo mar!

Preta, pretinha

**“Forma carinhosa” homenagem prestada a uma
Maranhense “símbolo da grandeza desse povo e da beleza
desse Estado”**

Preta, pretinha
Alma branca
Alvinha...
Como o algodão

Preta, pretinha
Cor da vida
Negrinha...
Flor do Maranhão.

Preta, pretinha
Sábia, lutas,
Caminhas...
Relevante chão.

Preta, pretinha
És alento
À minha...
Vã compreensão.

Vida boa

Nasci no interior
Numa casa pobrezinha
Sem ter piso, sem pintura
Dormia numa redinha
Tomava leite de cabra
Mingau de goma e farinha
Meu pai plantava feijão
Criava porco e galinha
Minha mãe fazia renda
E remendava a roupinha
Lá não tinha geladeira
Mas tinha pote e quartinha
A gente fazia reza
E cantava ladainha
Eu fazia meu brinquedo
Porque dinheiro não tinha
Pisava arroz no pilão
Comia açúcar e farinha
Andava de pés no chão
Com a barriga cheinha
Estudava tabuada
Na cartilha da vizinha
Mas cresci honesto e digno
E nunca sai da linha
Jamais esqueço o que fui
Sempre amei minha terrinha
Agradeço a deus por tudo
Vou morrer e nunca mudo
Pois, vida boa é a minha!...

Voar, voar...

A bordo de um avião de Manaus à Fortaleza

Voar, voar...
Além das nuvens
Branças como o algodão.
Calma como a minha alma!

Voar, voar...
Como a imaginação.
Subir à imensidão
Contemplar Deus!

Voar, voar...
Como os sonhos meus
Admirar o céu
A grandeza infinda!

Voar, voar...
Como a andorinha
Que rasa sozinha
Sem preocupação!

Voar, voar...
Buscar a razão
Vislumbrar o chão
E o compreender!

Voar, voar...
Qual distinta sorte
Ter o sul e o norte
Envoltos, sem fim!

Voar, voar...
Como um certo eu
Que de tanto seu
Nunca sai de mim.

Saudade

A saudade é companheira
De quem vive sem ninguém.
É dor que dói, mas conforta,
É tortura que faz bem
É contente descontente
De ter algo que não tem
É presença que não supre
A ausência de alguém.

A cadeia

Um dia nesse lugar
Foi um réu, prisioneiro.
Teve como companheiro
O silêncio, a lhe gritar.

Errou, em não acertar,
Foi-se o tempo e a idade.
Mas, por sorte, na verdade
Encontrou compreensão
E descobriu na prisão
O valor da liberdade.

Minha Cruz

Queria ser exclusivo
Como objetos de agrados
Dos quais eu fosse motivo
Pros seus dotes e pecados.

Tocar o seu corpo quando
Muito embora que fugindo,
O meu carinho evitando
E de ufania sorrindo.

Pois se a dor que me agonia
Ao menos lhe fosse intento
Por mim, talvez sentiria,
A força deste tormento.

Mas ainda que em pedaços
O seu amor me conduz
Pela vida aos seus braços
Que abertos são minha cruz.

Minha esposa

Aldeídes Félixfurtado Nogueira

Minha esposa, um nobre invento
Que a vida já concebeu.
Por certo Deus escolheu
Com desvelo ao seu contento.
- Seria merecimento,
Talvez sorte ou coisa e tal?
Só sei, portanto, afinal,
Que para melhor dizer,
És de fato, um grande ser,
Por demais, especial

Ternura divina

**A coleção mais valiosa
É a das boas ações
E o mais belo heroísmo
Está na coragem de ser bom
(Autor desconhecido)**

Qual sopro de vida
Que a morte conduz
Aos braços da cruz
Na eterna partida.

Que grande segredo
Qual sono profundo
Cujo em vida o mundo
Não sucumbe o medo.

Se lume, somente,
Se é gozo contente
Ou algo que apraz.

Se é força que acalma,
É conforto à alma
Que semeou paz.

Como, quando...

Comumente, como "sim".

Quando "não", não se compara.

Como tudo, quando apenas.

Como a única, quando rara.

Como traços, quando marca.

Como face, quando cara.

Quatro letras, quando juntas.

Qual palavra conjugada.

Forma o tudo, quando todo.

Como ausência, forma o nada.

Como o vasto, quando infindo.

Quando nuvem dispersada.

Como espaço, quando mundo.

Quando a sorte é um segundo.

Como quando eternizada.

Quando tudo se divide.

Como a dor e a saudade.

Quando a opressão incide.

Como vale a liberdade.

Como qualquer um, "somente"

Quando o "mente" é como o "só"

Como o "um" quer ser melhor.

Quando o "o" é definido.

Como se tomar partido.

Quando ao menos não se parte.
Como mensurar a arte.
Quando é desconhecido.
Como muito receber.
Quando pouco se pretende.
Como fácil se complica
Quando não se compreende.
Como coisas atrapalham.
Quando apenas coisas, são.
Como deter a razão
Quando a ela não se afina.
Como a perda nos ensina.
Quando a busca já não acha.

Como a humildade é graça
Quando o saber se cultua.
Como o orgulho desvirtua
Quando a quem dele não passa.
Como ser merecedor.
Quando à dor, não se merece.
Como o suor enobrece.
Quando digno, contribui.
Como algo evolui.
Quando o espírito se abnega.
Como olhar tudo que ver.
Quando vendo não enxerga.

Como às vezes se escorrega
Quando se julga o mais hábil.
Como o tolo vira sábio
Quando fica em silêncio.
Como não sentir-se imenso
Quando o próximo é menor.
Como querer ficar só.
Quando nem a si, suporta.
Como enfim, a vida exorta.
Como, quando, vejam só!...

Epigrama

Qual ousadia temida
Se até com a própria vida
O destino foi brejeiro.

Pois nasceu pobre o mais hábil
Nunca estudou e foi sábio,
O filho de carpinteiro

Uma moça é uma flor

**Uma moça é uma flor
Linda, pura, casta e bela
O jardim tem que criá-la
E depois fica sem ela.
(João Pereira Lima)
"O Pindaíra"**

No jardim ei-la semente
Nasce nua e, bem regada,
Cresce esbelta e endeusada
Por seu pudor, inocente.
Quando grande e cadente
Com sua doçura e cor
O perfume é o amor
Entre as pétalas da idade
O feitio é a beldade
Uma moça é uma flor.

Nos sorrisos elegantes
Por cujo primor, a vida,
Flui do âmago, contida,
Em dotes tão enlevantes;
Tudo é bom e as mais brilhantes
Primazias que constela
Ontem flor, hoje donzela,
Já perfeita o seu perfil
É como a rosa que abriu
Linda, pura, casta e bela.

Dentre o verde eis o encanto
Cujo tempo agora sente.
Ao jardim reluz contente
Em grandezas que sem manto
Traz ao mundo em si, um canto,
Que a todo ser, toca e cala.
Flor ou imagem se iguala
As simetrias tão certas
Que a vida tem-nas abertas,
O jardim tem que criá-la.

Quando a primavera vem
Desponta o jardim florido.
Como um pólen desprendido
Que a flor já não mais detém,
Qual moça a florir também
Ao seu amor se revela
E toda candura, bela,
Um dia sente-se amada
O jardim vê-la criada
E depois fica sem ela

O dia

O dia é um jovem de face límpida,
Namorando a lua na varanda
E reclamando nas noites escuras.

Saudosismo

Meu agreste poetar
É chuva, é sol é saudade,
É torrente vaidade
De "serra, sertão e mar"

Meu linguajar lisonjeiro
É campesino, é garboso,
É real vernaculoso
É prosaico e matuteiro.

Meu versejo amalgamado,
É grosseiro, é leve é fino.
Meu chão é alencarino
Meu rimar, sertanejado.

Meu sotaque arigoense
É carranca, ou simpatia.
Teima raça, e alegria...
São coisas de cearense.

Princípio da humanidade

A areia é fina
Vai engrossando
E forma uma rocha
E forma uma montanha
E forma um mistério
E forma o mundo.
(Júlio Derzi)

Tudo aconteceu num sono.
Um sono forte,
Talvez o mais profundo!
Sem medo, eis que alguém...
- Porventura corajoso?
Não refletiu sobre os mistérios.
Não hesitou.
Não ousou sequer imaginar
O que aconteceria...
Até porque ninguém desconfiava
Ou porque, certamente,
Não havia mesmo ninguém.

O poeta

Incógnito caminha o poeta.
A imaginação absorta em cada passo;
Aos trêmulos e agudos ruídos
O inevitável barulho das ruas
E o fatal encontro de rústicos olhares.

Inspiração

Quão prodígio é a vida
Quando por amor se vive
O milagre de ser feliz!

Aniversário

Qual distinta sorte logra qualquer ser,
O passar dos anos é a maior prova.
De que se envelhece, quando se renova,
Tanto se evolui a cada amanhecer.

Os dias são úteis se a eles se dão,
O valor sublime de um novo momento
Quão desvelo a tudo tal o encantamento,
Todos os instantes se eternizarão.

O tempo caminha, pois, regularmente,
Não para, não corre, não fica demente,
Mas, urge, contudo, se perpetuar.

A vida se mostra por vários caminhos
De pedras e flores ou muitos espinhos
Mas quem busca o certo não se perderá.

Símbolos de Aracoiaba

Pedra aguda

Qual insigne escudeiro
Do atalaia mui valente
Pedra aguda, imponente,
Monólito, visioneiro.
Vistosa, ei-la o roteiro,
Da lendária realeza
Que logrando da beleza
Tão relevante descerra,
Um marco da nossa terra
Presente da natureza.

Pedra da Tamanca

Sinuosa ao horizonte
Alegre, num riso só.
Junto às curvas do (rio) Choró
Aos olhares, que defronte,
Lisonjeiam terna fonte
Cujo nome bem condiz
Entre tantos os perfis
Qual ventura contagia
Ao nascer de cada dia
Tornando-o mais feliz.

Ponte do trem

Antiga ponte de ferro sobre o rio Aracoiaba

Acalmada sobre o rio
Entre o verde, tão fagueira,
Simples, mostra-se faceira,
Ativa enquanto sutil
Ao apreço de quem viu
Coisa igual, eis que não tem,
Porquanto sem ter desdém
É um flerte em toda parte
Enquanto obra de arte
Tal nos orgulha, porém...

Estação ferroviária

**Atualmente em pleno abandono, amarga as consequências,
do descaso e da falta de atenção pelos órgãos responsáveis estando
fadada à destruição total.**

Áurea representação
Da riqueza e da cultura
Que jaz na mera postura
Da negligenciação
Diria talvez, o quão,
Se pudesse ser notada
Que já foi alcatifada
Enquanto perde a memória,
ERA UMA VEZ NA HISTÓRIA
Uma "ESTAÇÃO" hoje nada.

Vã filosofia

Tem gente que não é rato
Mas vive roendo o dedo.
Tem gente que é valentão
Mas de barata tem medo.
Tem gente que embora mudo,
Não pode guardar segredo.

Tem gente que com o silêncio
Responde qualquer questão.
Tem gente que sabe muito
Mas não tem compreensão.
Tem gente rica em dinheiro
Mas pobre de coração.

Tem gente que constrói tudo
Mas não tece uma teia.
Tem gente que se embeleza
Mas por dentro fica feia.
Tem gente que esquece a vida
Pra lembrar a vida alheia.

Tem gente que sobe ao alto
Só pra mostrar que é pequeno.
Tem gente que fala muito
Ouve pouco e sabe menos.
Tem gente que só semeia
Mas não prepara o terreno.

Tem gente que cruza o mar
Mas se afoga numa taça.
Tem gente que nunca reza
Mas vive pedindo graça.
Tem gente que enxerga o mundo
Mas não ver o que se passa.

Tem gente que se enclausura
Pra viver com liberdade.
Tem gente que tem poder
Mas não tem dignidade.
Tem gente que compra tudo
Só não a felicidade.

Frenesi

Quando a minha vista revoltada
Culminar os arranha-céus sequiosos
Dir-lhes-à comprimindo o frenesi:
- Petulantes, porque desertaram o meu bosque?

O meu amigo João

Ao amigo João Bosco,
Violonista Aracoiabense

Dedilhando o violão
Sentado à porta ficava
Enquanto a rua passava
O meu amigo João.

Despretensiosamente
Sem alarde ou demasia
-Quanta música se ouvia
Naquele velho batente! ...

Mas quando a noite caía
Na praça estava o João
Concertante ao violão
Enquanto o povo o aplaudia.

Aí sim, com todo ardor
O meu amigo tocava
Pra qualquer um que passava
Fosse simples ou doutor.

Porém quando vinha a lua
No céu azul, desfilando
Também vinha ele voltando
Deixando a praça e a rua.

E assim vivia o João
Sem tristeza ou desabrigo
Rodeado por amigos
Abraçado ao violão

Não há nada mais bonito!...

**Ramas de maracujá
Sobre a goiabeira
De onde o sabiá
De manhã faz canção
(Duda Nogueira)**

Não há nada mais bonito
Que o inverno no sertão,
O ressoar do trovão
Um lampejo no infinito.
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito
Que no céu um revoado.
Um carão bem afinado,
E o seu distinto grito.
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito
Dentre a mata verdejante
O reflorir perfumante
A andorinha ligeira,
O rio correndo à beira

Um sabiá posto em cenas
Sacudindo suas penas
Nas palhas de uma palmeira.
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito
Que o ronco da cachoeira
A água ágil, ligeira.
Sob a tênue garoa,
O voo rasante da garça
Os bichos todos pastando
Um velho socó pescando
Nas margens de uma lagoa.
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito
Do que, na noite sombria.
Ouvir o gritar da jia
E o canto da saporada,
O tropel de uma boiada
O luzir do vaga-lume
O ruído e o perfume
Da chuva sobre a calçada.
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito
Que inverno no sertão
O milho, o arroz e o feijão
Ver um fruto em cada galho.
Ter o calor de um agasalho
A alegria da fartura
E, por fim, a fé mais pura,
Na grandeza do trabalho.
- Não há nada mais bonito!

A construção

Tem coisas que por mais simples.

Tanto querem nos dizer!...

Imagine só, você.

Um casal de passarinhos

Que de tão pequenininhos

Quase não dava pra ver

Até parecia gente

Hábil ser, inteligente.

Na tarefa de lidar.

Um belo ninho tecia.

Mas, com tanta maestria...

Cujo esmero e a valia,

Poucos podem enxergar.

Numa ponta derradeira

De um galho de ateira

Na janela do oitão.

Eu dali, admirava.

Ela saía, ele chegava.

E faziam a construção.

Fiquei, pois, maravilhado.

De coração devotado

E contrito em meu intento

Vi que a vida é quão bem feita

E a natureza é perfeita

Ao revelar seu talento.

Solidão

Ó insana solidão
Que impiedosamente
Arrasta à cruz.

Ó silêncio inquietante
Que fere mansamente
Como um malfeitor.

Ó ingrato sentimento
Que devora a paz
E no arbítrio confina

Ó distinta dor
Que dolentemente
Consome.

Ó coisas do "homem"
Que amarga a vida.

Moro no meio do mundo

Macapá, maio de 2004.

Moro no meio do mundo
Bem na linha do Equador
Longe do Ártico e Antártico
E dos Polos Norte e Sul.

Moro perto das entranhas
Das imponências tamanhas
Da terra, do Ser maior,
Do viço, verde e maciço
De um tal eixo em reboliço
De algo extremo ao seu redor.

Moro perto do horizonte
Onde o sol nasce e vagueia
Onde o vento se norteia
Cujo céu é mais azul,
Moro num lugar brilhante
Quão importante e, de sorte,
Durmo à margem do Norte
Acordo abeirando o Sul.

Moro perto do Riomar
Da costa vasta e brejeira
Das ondas beijando a beira

Da brisa molhando o ar.
Dos canhões gigantes, fortes
Empunhos na redondeza
Da histórica Fortaleza:
"De São José de Macapá"

Lembranças

À Hosana Barbosa Paz

Aracoiaba, dezembro de 1996.

Lembro ó musa da plateia
Fluíste meiga e, quão bela.
Lembro o riso lembro aquela
Face terna a vislumbrar
Lembro olhares fulgurantes
Que tão perspicantes fê-los
Emergir dentre os cabelos
Um semblante singular.

Lembro-me da mansa voz
Sem volver-se, porém, árdua.
Lembro altivo sobre a espádua
Ombro reto a pompear.
Lembro-me seios exuberantes.
Cujo róseo amacia
Lembro a veste que fingia
Toda beleza ocultar.

Lembro-me gestos idílicos,
Solícitos murmurantes.
Lembro binários marcantes
Num compasso regular
Lembro-me sutil aspecto,
Que provector se mostrava
Se eras tenra se portava
Como uma dama sem par.

Lembro a guitarra fremente
Despida em tons, afinada.
Lembro a paixão almejada
Num encanto angelical
Lembro-me, divina, a luz,
Quando distinta sorrias
Lembro enfim, quando surgias:
- Era noite de Natal.

Amar

Amar, com toda sorte nascida,
Nascida, porém só de amor viver.
Viver, somente amando e não morrer,
Morrer, só por amor à vida.

O Ribeirinho

Amazônico

Vivendo às margens dos rios
Em meio à vegetação.
Enraizado em seu chão
Eis o caboclo bravio.

Sua casa mera e plena
Não importa se pequena
Se tudo tem ao redor...
Se tem gritos e algazarra,
E bichos fazendo farra
Lá ele não vive só.

Se, tem fruto de Açaí,
Ele pesca jaraqui
Pra comer com macaxeira.
De tarde não vai sair
Deita cedo pra dormir
E descansa a noite inteira.

De dia luta, peleja...
Colhe frutos, vai caçar.
Tira peixe, malhadeira,
Vem à beira se banhar

Sua fé é bem maior
Que a sorte ou a desventura.

A terra lhe dá fartura.
E o verde, inspiração.
A vida dignifica-o
Sem fazer segregação.
E qualquer falsa razão
Não lhe tira o direito
De ser visto com respeito
Como qualquer cidadão.

Desabafo

O que escrever, pois, se há esta hora,
Muito me esforcei e no meu leito
Eis que fiz de tudo e nada feito.
Nem ideia veio até agora.

Acho enfim, que os pensamentos meus,
Todos resolveram se mandar
E saíram sem comunicar
E se foram para outros eus.

Relutei, mas nem rima... sequer,
Verso branco ou outro qualquer.
Pois, surgiu para me consolar.

Resta o sono que não sei se vem.
-Já pensou se se mandou também,
Imagine como vou ficar?

Seu Antonio Joventino

Seu Antonio Joventino
É um distinto roceiro,
Gente de boa conduta
Que vive sem ter dinheiro
Num cantinho do sertão
Do nordeste brasileiro.

Tem um pedaço de terra,
Uma modesta casinha,
Uma roça e um pomar,
Além de porco e galinha,
Cria uma cabra de leite
E uma mansa vaquinha.

Um jumento, uma carroça,
Pra sua labutação.
Sequer conhece a cidade
Por não haver precisão,
Seu RG, são os calos
Cravados em cada mão.

Goza de boa saúde,
Jamais se ouviu reclamar.
Dorme bem, acorda cedo,
Não deita sem meditar,
Doença, pois, não conhece,
Nunca teve pra contar.

Justo no proceder
E sem usar de maldade,
Boas coisas sempre fez,
Aprendeu com humildade
Que Deus nos dá o bastante,
Tudo além, é vaidade.

Do nascente ao pôr do sol
A terra, a mata e as cores,
Os mares, o infinito
O céu, os seus esplendores,
O grande ou menor dos seres,
Na vida tem seus valores.

Das muitas coisas que o mundo
Insiste em oferecer,
Joventino, não conhece,
Tão pouco deseja ter,
E embora pareça pobre,
É rico sem perceber.

Neste lugar tão singelo
Sem as ilusões servis,
Vive um grande ser humano
Como tantos, no país,
Um humilde sertanejo
Que é simples, mas, é feliz!

Vagão

Vagão de trem

Vagão nos trilhos

Trilhos que levam o vagão.

Sorte que norteia a condução

Sonhos que se renovam a cada chegada.

- Olhares que se cruzam

- Palavras que se perdem

- Silêncio que reclama...

- Peleja que move ao sedento descanso.

Vagão!...

Renitente como a gente.

Seguindo a locomotiva

Trilhando destinos.

Vagão...

Incansável conduzindo desígnios de vida.

Vagão...

Sonetinho de amor distante

Amo a ti, somente e tanto,
Mais que tudo e a ternura
De um amor jamais foi pura
Como o enlevo deste encanto.

Amo a ti, assim nascida,
Como nunca e te prefiro
Quanto à sorte e muito aspiro
Como a luz, em minha vida.

Não te esqueço, e hei seguido,
Teu caminho e te lembrado
Como prenda a que venero;

Amo a ti, enfim, e ungido,
Pelo teu amor guardado
Como a salvação que espero.

O meu torrão

“O sertanejo é antes de tudo, um forte.”

(Euclides da Cunha)

O meu torrão de nascença,
Fica no Sertão, cravado.
Um lugar abençoado
Onde não há desavença.
Um povo que crer na crença
E tem fé no Criador.
Não chora miséria e dor
Nem se mostra entristecido.
Jamais se dá por vencido
Sem comprovar seu valor.

O meu sertão tem grandeza
Que na cidade não tem.
Luar, e prosa, e também,
Muitas comidas na mesa.
Quase nada é riqueza.
E não se vive ao descarte.
Desistir, nunca fez parte.
Na reluta e na valia,
Pois, se a vida se recria,
O viver torna-se arte.

Meu chão é gleba pequena
Mas é vasto em seus valores.
Tem poetas, cantadores,
Tem devoção e novena.
Tem noite clara e serena
Com fogueira de São João.
Tem saga de Lampião
Em forma de poesia.
Esse é o sertão que um dia
Encantou meu coração.

Súplica

Deixai, ó vida, recobrar alento,
Posto que agora a solidão desfila,
Onde sobeja, em cujo leito exila,
À condição de tão pequeno intento.

Não sou, senão, tal um inerme ser,
Já exaurido ao labor tão forte
A suplicar coragem, breve sorte,
Quem sabe força para me erguer.

Porém caído pela dor da luta
Resta somente a mesquinhez oculta
No véu translúcido que a vida encobre

Desventuroso, eis que assim me vejo,
Que no desânimo sequer almejo
Lograr bonança, por sentir-me pobre.

Coisas

Coisas sempre vão ser coisas.
Só servem pra atrapalhar
Quem vive comprando coisa
Só tem coisa pra pagar
Quem só pensa em coisa ter
Vira coisa sem saber
De coisa não vai passar.

Em todo canto tem coisa
Pra tudo coisa se tem.
Quem ver coisa em toda coisa
Não enxerga coisa além
Tem coisa que é tão impura
Que como coisa não dura
E vira coisa também.

Por ser coisa cada coisa
Como coisa viverá
Pena de quem busca coisa
Pois só coisa vai achar
E de coisa será feito
Se coisa nunca tem jeito
Vai ser coisa até cansar.

Portanto se só são coisas
As coisas que procurou
São coisas que irá colher
Porque só coisa plantou.
Pois a coisa mais sentida
Das coisas que tem a vida
Essa não se revelou.

Mulher amável

Os teus risos são gorjeios
Que agradam a qualquer gosto
Os teus lábios vivem cheios
Co' a ternura do teu rosto.

Os teus olhos têm o lume
Dos desígnios mais certos
Teu corpo exala o perfume,
Do mais fragrante dos cheiros.

Teu aspiro, alento d'alma,
Teu silêncio, voz que acalma,
A peleja e os temores.

Teu ego é chuva molhando
Rosas, que desabrochando,
Enfeitam jardins de flores.

Ceará

Ceará, és meu lugar,
O norte do meu destino,
Meu orgulho alencarino,
Meu agreste poetar.
Qual alegre despertar
Pelo sol tão prateado
Que num piscar acalmado,
Pois, longínquo principia
Na candura, todo dia,
Para me fazer agrado.

Ceará, és minha terra
Onde o mar com afeição
Conversa com o sertão
Enquanto flerteia a serra,
Que vistosa se descerra,
Assim, aprazivelmente;
Bonita como um presente
Naturalmente adornada,
Feito arte, emoldurada
Ao gosto de sua gente.

Ceará, és meu torrão
Do nordeste, um pedaço.
Em ti, sempre me refaço
Com desmedida paixão.

Teu filho, tem fortidão
Não se rende ao desengano,
Tua graça é teu plano,
Qual seja a sina, és forte,
Cearense, é tua sorte,
Ser um grande ser humano.

Ceará, um certo eu,
Que de tanto pretender,
Como tal ousa querer
Ser de mim, enquanto teu.
Por certo me convenceu,
Esse jeito tão fagueiro
E por haver um primeiro
Em tudo, e, nesse país,
És de fato, o mais feliz
Entre o "povo" brasileiro.

Ser Humano

Ser
Sabiamente ser
Solitário sois sábio
Sedentos senhores
De algo ser
Te querem servil
Silvícola
Sadio
Sem sorrir
Santa sabedoria
Não te entregues
A tal situação
Sede tua própria sombra
E saberás, enfim, existir...
(Júlio Derzi)

De sorte existo.

Sou algo que espera uma forma completa.

Sou tudo de um pouco do nada.

Sou o vazio que transborda e não enche.

Sou a fadiga que o gozo criou.

Sou a face da vida ou a ilusão do ser.

Sou a própria razão que, no entanto, a procuro.

Sou a concepção do instinto alheio.

Sou a farsa do outro, o eu, o fulano.

Sou certeza, o incerto ou quem sabe o engano.

Sou o surto da calma ou o silêncio que grita.

Sou a paz que me habita, mas nem sempre me acho.

Sou a busca que não cessa

Sou a gula que não se sacia.
Sou apenas atitudes
Sou simplesmente o que pude
Sou enfim, somente...
Um "SER HUMANO."

Simplismente Maria

Ô coisa boa é Maria
Feliz de quem uma tem.
Não precisa de ninguém
Pra lhe fazer serventia
Na tristeza e na alegria
Qual seja a ocasião
Maria nunca diz não
E pra tudo acha um jeito
Maria, o seu defeito,
É ter um bom coração.

Maria, não é somente,
Altiva como se quer
É simplesmente mulher
E santa em forma de gente.
Mais que qualquer raramente
Quão sublime como um tanto.
Cujo branco do seu manto
Não lhe deixa macular
Maria, eis sobre o altar,
A graça do seu encanto.

Maria, mulher bondosa,
Amor que brota da alma.
Mão serena que acalma
A força tempestuosa.
Maria, flor mais cheirosa,
Delicada singeleza.
Que nem mesmo a agudeza
Do espinho, lhe palpita.
Maria, a mais bonita.
Das obras da natureza.

Num segundo

Num segundo venho à vida, conceber.
Num segundo vejo o mundo, logo nasço.
Num segundo se tropeço me refaço.
Num segundo eis-me um ente, em pleno ser.

Num segundo, busco em mim, um eu pensante.
Num segundo vai-se o tempo em disparada
Num segundo tudo posso, noutro, nada.
Num segundo pouco tenho, mas, bastante.

Num segundo me contento ou entristeço.
Num segundo tanto espero, que mereço.
Num segundo sou completo, se me fiz.

Num segundo faz-se eterno o que não dura.
Num segundo nasce e morre a criatura.
Num segundo só de ser, já sou feliz.

Aracoiaba, minha terra natal

Minha rima tem floreio,
Tem pássaros minha terra.
Flerta o meu sertão, a serra,
Meu vale, de encanto é cheio.

O meu verso tem luar
E torrente o parco rio
O meu sol vive com frio
Tem poeira o meu nevar.

Meu poema tem cascata
Tem cigarra, e minha mata,
Se seca ou verde é normal,

Minha poesia explica:
Os contrastes fazem rica
A minha "terra natal".

Aracoiaba, município cearense situado a 78 km da capital Fortaleza na região do maciço de Baturité. Seu relevo compreende, as encostas da serra estendendo-se pelo sertão e se destacam ao longo de sua extensão os monólitos conhecidos respectivamente como: Pedra Aguda e Pedra do Tamanco. A palavra "Aracoiaba" é de origem tupi e significa terra onde os pássaros cantam.

Francisco Lima Freitas

1927 - 2017

Humanista, escritor, jornalista e retórico renomado. Integrou várias agremiações acadêmicas, das quais a ALMECE foi onde mais se destacou ao ocupar o cargo de presidente durante 23 anos consecutivos.

É prudente, contudo, verdadeiro,
A respeito de um gênio afirmar:
Ser humano de brilho estelar,
Criatura de hábito fagueiro,
Homem simples, porém, grande guerreiro,
Invencível, porquanto, imorrente.
Às agruras, é forte combatente,
Nunca foge dos próprios ideais,
Mesmo farto por outros cabedais,
Tão jamais, pois, renega a sua gente.

Lima Freitas foi este genial
Arquiteto de sonhos e desejos.
Oriundo dos ares sertanejos,
Fez-se urbano acendrado na moral.
Na seara da vida cultural
Com labor semeou sua carreira,
Entre outras, o fez, sobremaneira,
Desvelando qual nobre atitude:
Ser bondoso, de todas, a virtude,
Mais altiva da sorte derradeira.

Humanista, fiel e relutante,
Por distintos caminhos palmilhou
E dos tantos ofícios que lidou,
Foi das letras que veio a ser amante.
Jornalista, retórico brilhante,
Escritor, tal poeta renomado.
Literato, por todos aclamado,
Relicário de obras e talento.
Três arcádias em justo cumprimento,
O tornaram, pois, imortalizado.

Em seus feitos tão bem figuraria,
Aludindo ao que mais empreendeu:
Lima freitas e o grande silogeu
Fundamentos de uma academia
Um amante das coisas que fazia,
Para fins de quem venha a apreciar
E nas linhas do vasto paginar
Aprazer-se na verve ecletista
Deste herói, qual insigne beletrista
De quem temos orgulho ao lembrar.

Ser

Ser, em si.
De fato, ser.
Ser, como tal.
Ser, animal.
- Apenas?
- Não!
Ser, com razão.
Com razão de ser.
De querer ser
O que se é,
E se pretende.
Ser! ...
Sábio ser.
Como não e sim.
Ser, sem fim.
De infindo começo.
Ser, o maior preço.
Ou ser nenhum.
Ser, valor algum.
Ou ser único.
Ser, desde que seja,
O próprio se for.
Não importa ser,
O que tenha sido.
Sendo ser,
Enfim, nascido.
Contanto que,

Haja pra ser.
Já é merecido.
Ser
E viver
Feliz!

Pais

**Aos meus pais,
Bartolomeu Batista Xavier e
Francisca das Chagas Nogueira Xavier.**

Quem despertou ao limiar da lida
Pois, compreende os divinais preceitos.
E assim tomado pelos bons conceitos
Bem sabe o quanto vale os pais, na vida.

Quem, sem porfia vislumbrar seu norte,
No caminhar nunca terá tropeço,
Curvar-se-á jamais à dor e ao preço,
Logrando gozo por sentir-se forte.

Quem seus conselhos, ao ouvir faz prece,
Tanto que aprende como não esquece
E, sem pagar ou suplicar esmola.

Quem concebeu inapagável brilho
Já descobriu que eles são para o filho
Tal a lição e a melhor escola.

Advertência

**Aos alunos que futilizavam as aulas quando eu
no colégio Almir Pinto em Aracoiaba.**

Permita-me na hora consumida
De modo não pretendo lhe exortar.
Que as efemeridades a usar
Sombreiam os extremos desta vida.

Pois o tempo, porém por nada espera,
E você que se esquece, e brinca tanto.
Não nota que no fútil vai, portanto,
O carisma que a vida bem lhe dera.

Quando a aula, porém é ministrada,
Deturpa e ao contrário não faz nada,
Maculando a doutrina do saber.

Sentirá o pesar das atitudes
E verá, desprezando tais virtudes,
O quanto poderá vir a perder.

Prece

Silencia-me ao leito
Ó noite calma, sombria!
Que eu não venha à revelia
Pra confessar o meu feito.
Mas, possa encontrar um jeito.
Se não, pedirei clemência.
E que a santa sapiência,
Fonte ativa de clareza,
Seja sempre luz acesa,
Para minha consciência.

Quisera bem reclinar
Minha cabeça exaurida
E que o pelejar da lida,
Ajude-me a examinar.
Que jamais venha olvidar
Os atos que não condiz
Por tudo que hoje fiz
E por assim me sentir
Sei que vou poder dormir
Com minha alma feliz.

Quero tanto agradecer,
Por tudo que me fizeste.
As provações que me deste
Pra que eu possa, enfim, crescer.

A virtude de viver
Neste plano conturbado
Por ser um templo sagrado
E puder evoluir
Enquanto eu viver aqui
Ó senhor, muito obrigado!

Que este meu dever cumprido,
Cumpra-se no teu caderno.
Que tal gesto seja terno
Quando gozo, desprovido.
Que eu nunca esqueça o sentido
Que para ti, me conduz.
Que ao levar a minha cruz.
Carregue os teus ideais.
Que eu não te esqueça, jamais,
Nem Tu de mim, ó Jesus!

Quisera

Quisera ter você bem junto a mim
Ó fonte a devotar infindo amor.
Beijá-la como beija o beija-flor
Que vive a beijar flores no jardim.

Quisera no seu ego, pois em chamas,
Arder-me com voraz e tal desejo
E zeloso instigar todo vicejo
Que povoa o seu corpo quando amas.

Quisera por um longo e belo aspiro
Afangá-la ao abraço mui ardente,
Qual instinto fremente a reclamar.

Quisera ter ao frêmito, o suspiro,
Que o acalma de modo veemente,
Toda vez que se doa ao amar.

Infinito amor

Em tudo ao teu amor serei atento.
Eis que somente e sempre hei de amar.
Quão fielmente sem jamais negar
Seja na dor e em teu contentamento

Quero instigar o mais sutil prazer
Num gesto intrínseco sentir-te pura.
Tanto afagar como inspirar ternura
Que no deleite convenhamos ser.

Distintamente, apenas um, de sorte,
Que sem volver-se, quão vorás e forte
E em cujo leito suplicar pudor,

Na calma a suspirar, fremente,
Ao exultarmos no silêncio ardente,
A cada instante de infinito amor.

Poetas

Poetas são meninos numa praia deserta.
Os versos são castelos de areia
De crianças brincando.
Os sonhos são ondas que vão e que vêm,
Que trazem ilusões
Que levam desejos.

- Uma palavra perdida
- Um risco no chão
- Um poema é uma embarcação.

Poetas são homens na madrugada de uma noite fria.
Cabelos longos, de arma na mão,
Abeirando o sono à margem de uma folha de papel.
Poetas são pescadores esperando peixes ao anzol.
Não, não esperam peixes.
Esperam palavras, versos... ideias que se arrastam,
Mas, nem sempre lentamente,
Às vezes súbitas fisgam-se e vêm à tona.
Poetas, guerreiros... porém mansos a bater à porta:
- Procuram-se razões, emoções, paixões...
Poetas, hóspedes a reclamar silêncio
Numa varanda que dá para o horizonte,
A contemplar o universo dos seus pensamentos."

Estudo

Estudo, pois hei necessitado,
E sou pendente a tal precisão
Que jamais alheio à condição
Terei o estudo desprezado.

Estudo, com alento e ardor,
E assim hei de lograr sapiência
Para tornar mais rica a vivência
E vivê-la tranquila e sem dor.

Estudo, pois, conseqüentemente,
É quão belo, quanto enfim, luzente,
À hora obscura da partida.

Estudo, pois o saber em mim,
É mais que o ouro, não terá fim,
Nem mesmo ao decrepitar da vida.

O vale

Sou sertão. Sou matutino
Tenho um vale em meu lugar.
Meu vale parece andino
Muito vale um campesino
Pra quem sabe avaliar.

Meu vale fica formoso
Quando a chuva vem molhar.
De tão verde é bonito
Ó meu vale valioso,
Encanto-me só de olhar.

Meu Vale não é mesquinho
Tem passarada a cantar.
Aqui não vivo sozinho
Quem tem Vale, tem um ninho.
Para se perpetuar.

Vale tanto o vale meu,
Que jamais hei de deixar
Vale, entre mim e ti,
A grandeza de existir,
E a ternura de sonhar.

O cortejo

O cortejo segue as sinistras pegadas

No meio, o horizontal, fúnebre...

-Ouviria as súplicas e o choro?...

E no fundo dos corações,

Uma saudade sorrindo...

Sorrindo, porque agora ela habitará,

E somente dirá notícias.

As vozes trêmulas

Entretêm-se ainda aturdidas.

As senhoras comprimem os rosários:

- Descanso eterno...

Intervém o soluço.

- Que o céu dos santos

Seja o seu também!

Porém de face límpida

Ainda escuta o sino

E os olhares de pêsames

O acompanham.

Águas do Rio Mar

Águas do Rio Mar
Leva-me também
Às ilhas do Pará,
Às praias de Belém.
Mostra-me o feito
Da força caudalosa,
Da sorte venturosa...
Deixa-me encantar!
Deixa-me sonhar
Ao alarde do teu bem;
Ao eflúvio de tua alegria.
Porém, leva-me também,
Às ondas da baía
Às praias de Belém.
Desperta-me ao teu fremito constante.
Silencia-me, sussurrante em teus mistérios.
Converte-me à tua glória como um bemfeitor.
Conduz-me ao teu estro, como um verso a resvalar.
Deixa-me seguir teu horizonte, teu destino,
Ao desatino do teu sonho a nortear.
Porém, leva-me também,
Aos olhos de alguém.
Às ilhas do Pará.
Às praias de Belém.

Acróstico

Cantor, compositor, poeta e repentista cearense.

Justo foi o criador
Ostentando em sapiência
Num instante de glória e dor
Altiva sorte e decência
Sonho de um grande amor.

A essência de uma vida
Lepidamente despida
Vislumbrando em seu destino
Enlevante desatino
Sem jamais negar-se à lida.

Distinta voz desabrocha
Aprazível aconchego.

Sem volver-se ao desalento
Itinerante se vai
Lúdico como um rebento
Versejando ao seu contento
A insígnia de um pai.

Artemiza

Artemiza. És tu, a saber?
Toda a graça que do amor nasceu.
E da fonte que te concebeu
Não se viu coisa igual ao teu ser.

Como um lume fez-se assim, mais forte.
E velando todo teu encanto
Protegeu-te com o mais belo manto.
E guiou-te à mais profícua sorte.

Não contente, tua glória evoca.
Pois que ainda teu nome tem arte
Como a própria alma em ti, nascida.

Tudo quanto és muito me toca
E sem sucumbir, por toda parte.
Estás sempre a recriar a vida.

Contemplação

Eis o céu azul
Azul como alma
A alma que acalma
Acalma o meu eu.

Eu que por encanto
Encantadamente
Mente e corpo, sente.
Os carinhos seus.

Eis um dia belo
Belo como o mar
Mar de se ficar
Ficar com paixão

Paixão que me aquece
Aquece a nós dois
Dois corpos, depois.
Nossos corações.

Eis a noite terna
Ternamente nua
Nua como a sua
Sua imagem só

Somente reluz
Luz que busca o ser
Ser de ser você
Você e eu que é nós.

Coisas de mim

Coração de poeta
Qual alma serena
Às vezes, profano
Poeta é humano
E erra, e ama...

A vida tem drama
E drama é arte
E o que seria do poeta
Sem a arte de ser...
De enxergar o que sente
E, verdadeiramente
Se eternizar.

Embora efêmero
Contudo e quão somente
Não seja dolente
Ou bom fingidor

Porque o amor
É jura secreta
E isso não é coisa só de poeta
Mas de quem sabe conceber
Porque ser como você
Não é só existir
Mas, perpetuar-se na vida.

Um novo dia

Eis que a aurora principia
No despertar da brancura.
Trazendo a terna candura
Do primor de mais um dia.

Debruçado no horizonte
Surge o sol tão reverente
Lépido, pois, no nascente,
A brilhar por sobre o monte.

E no limiar da lida,
Mais uma graça provida
Concebe-se na labuta

Cuja vida por fineza,
Mostra-nos sua proeza
No afanar de cada luta

O suíço

Um dia fui convidado
Por um certo amigo meu
Que logo me convenceu
De um grandioso achado.
Um suíço, apanhado
Rico e muito competente
Generoso, certamente.
Isto ele imaginou.
Daí, então me levou
Pois, assim, tão de repente...

Era um gringo importante
Vindo lá de outras bandas.
E segundo as propagandas
Que fez o acompanhante,
O tal era viajante
De terras continentais.
Seus feitos conjunturais
Davam-se, pois, na verdade
Na alta sociedade
Em eventos culturais

Em uma churrascaria
Ali, estavam à mesa.
E pra dizer com franqueza
Não vi muita simpatia.
Julgando ter serventia
Meu amigo interferiu.
O estrangeiro arredo

Ao final da refeição
Levantou-se e deu-lhe a mão,
Foi quando ele investiu.

Suíço, só um instante,
Escute-me, sem demora.
Vou mostrar, aqui e agora
Este matuto brilhante,
Um artista, poetante
Do nosso simples lugar,
Você vai admirar
O talento que ele tem
E, com certeza, também
Vai querer lhe ajudar.

Aí, ele me olhou
Assim, meio sem querer.
E eu, pra melhor dizer
senti que ele não gostou.
Mas, meu amigo piscou,
Chamou a sua atenção
Mesmo sem motivação.
Sabendo do resultado
Pra cumprir o combinado
Acabei dando-lhe a mão.

E disse: meu diretor
Permita me apresentar.
Sou poeta popular
Violeiro e trovador.
A você, um defensor,

Da cultura, um baluarte.
Um suíço, que à parte,
Promove eventos diversos
Dedico-lhe os meus versos
Retratos de minha arte.

O suíço, por sua vez,
Falou com categoria:
Eu detesto poesia,
Nada leio em Português.
Inda digo pra vocês,
Nunca foi meu seguimento.
E saindo desatento
E de maneira discreta,
Disse-me: quem é poeta
Não entra no meu evento.

Não fiquei desapontado
Mas, capiongo, porém.
Guardei o livro e também
Me senti desencantado
E com um jeito acanhado
Contudo sem me queixar,
Lembrei de catalogar
Este episódio notório
No rol do meu repertório
Dos não que vim a ganhar.

O retirante

Eis o retirante!
Nada importante
Que olha a pastagem
Que a estiagem
Aos poucos secou.

A água se foi
O verde também
Mas, a fé de alguém,
Que ama o sertão
Ah! Essa não...
Se perpetuou.

Como o seu suor
Que molha a peleja,
A força lateja
A coragem grita
O sangue se agita
No afã da sorte
Que a lida traz

E sem volver-se, assaz,
Vai seguindo a luta
Pois, sua conduta
É forte por demais.

O anoitecer na praia de Iracema.

Ei-lo vistoso, posto que pungente,
Envaidecido, ao inspirar prazer,
O calçadão, qual suntuoso ser,
Tanto comove, como instiga a gente.

Muitos caminham, outros tão somente,
Embevecidos no primor da arte,
Bem como o lúdico, por toda parte
Encanta a todos indistintamente.

Linda, Iracema à multidão afeita,
Envolta às cores, brilha, logo enfeita
Singelos traços que o olhar recria.

Enamorado o mar, pois, beija a praia,
A tarde cai, o sol se pondo, ensaia
Crepuscular final, de mais um dia.

Alegria Sertaneja

De tão verde o meu sertão
Pomposo se delineia
Sob a chuva que permeia
E sobre o frescor do chão.
Todo viço em ascensão
A despir-se ternamente
Cuja vida indiferente
Faz-se eterna à emoção.

O horizonte, pois, goteja,
Enquanto o céu se condensa
Alegra-se o ser na imensa
E altiva sorte que enseja
Todo canto que harpeja
A tudo encanta e fascina
Infinda graça divina
Afetuosa peleja.

Prazeroso é cada olhar
A vislumbrar a magia
Quão serena nostalgia
Distinta a desabrochar
Sem querer se faz notar
A natureza impoluta
Imaculada conduta
Eis num gesto a se doar.

Qual beleza que se quis
Sem antes chegar a hora
Mas o sol foi sem demora
Pro céu de outro país.
E os lampejos tão servis
Em conluio com o trovão
Trouxe inverno pro sertão,
Fazendo o homem feliz.

A festa passarineira

Eita... que tem passarinho
Por tudo quanto é lugar.
Tem tanto, que sem faltar,
Muitos já fizeram ninho.
Tem deles que é bem alvinho
Tem preto e amarelado
Tem um que pula animado
Na estaca do terreiro
Pula-pula o dia inteiro
E nunca fica cansado.

É tão grande a cantarola
Só se ouve o sussurrar
Passarinho improvisar
Desencantando a cachola
E nem precisa viola
Tão harmoniosamente
Cantam, compõem repente
Sem errar um verso só
Difícil é saber de có,
Qual o mais inteligente.

Sendo maior, tanto faz,
Se pequeno, não importa.
Mesmo se a cantada é torta
Igualmente outro jamais.
Seja bicudo ou audaz
Não canta o que o outro canta
Todos têm timbre e garganta
Pode até ser assanhado
Bonito ou pouco apanhado
Qualquer um cantando encanta.

E assim, pois, a natureza,
Todo dia vive em festa.
Seja aquela, seja esta,
Toda espécie tem presteza
Sem faltar delicadeza
Eis que plena a sua lida
Simples, porém, tão contida,
Vê quem busca observar
Ouve quem sabe escutar
Os apreços desta vida.

O tempo

Veja o tempo que passa calmamente
Num compasso contínuo e regular
E caminha sem medo de cansar
Mas não para, não corre e nunca sente.
Não espera por qualquer ser vivente
Entra e sai, não precisa de um aval.
Tudo leva que seja o bem ou o mal
Indistinto jamais faz distinção
E de tudo, que existe sobre o chão,
Ele vê, cuida e sabe o seu final.

Não se perde nas curvas do caminho
O seu rumo, pois, não se desnorteia.
Os seus passos se fincam pela areia
Os seus pés são imunes ao espinho
Solitário, a caminhar sozinho,
Ele segue cadente sem cessar.
Não avança afanado pra chegar
Não espera por quem ficou de vir
Quem deseja na vida lhe seguir
Não atrase nem tente ultrapassar.

Indelével, à luz de tal razão.
Disfarçado na face do ser, gente.
Inaudível imensuravelmente
Quão informe e alheio à vastidão.

Inodoro, sem cor e sem feição,
Cujos traços quem ver, saberes tem.
E sereno, sem garras, sem, também,
Pretender demonstrar sua grandeza
Não se furta das leis da natureza,
Todavia, simplesmente é o além.

Dessa forma presente, ao seu contento,
Mas, visível ou sem se perceber.
Obscuro no âmago do ser
Intrínseco ao sábio pensamento.
Pois, assim, sem que se ouse qual invento,
Dele, enfim, a lograr toda magia.
Quem vier conceber essa harmonia,
Com efeito, provector e audaz.
Vai notar, pois, que o tempo é perspicaz,
Muito, e mais do que a vã filosofia.

O amanhecer

Eis que nasce um novo dia
No azul, pois, se descortina,
E a candura matutina
No horizonte principia.

Eis que o sol, à calma plena.
Tão distinto se avizinha
Enquanto a lua sozinha
Busca o leito, quão serena!

Eis que na vasta quietude,
Desabrocha à infinitude
Quão pomposa a conceber,

Eis que em forma de existência
Qual perfeita, toda essência,
Revela-se em cada ser.

Se

Se te lembro, de tal modo me contento.
Se, distante, muito mais perto te quero.
Se te evito, certamente já venero.
Se te esqueço, é que te busco em pensamento.

Se te vejo, eis que é sonho eu bem sei.
Se te chamo, pois te escuto sem ouvir.
Se te sigo, te acompanho sem sentir.
Se te sinto, é que a porta, não fechei.

Se me canso, me refaço e não desisto.
Se, insisto, sei que hei de contemplar
Se eu chego, tenho tudo o quanto quis.

Se, ainda, o meu gesto não for visto.
Se me tomas, mesmo em vão, vou relevar.
Se me queres, aí sim, serei feliz.

Gratidão

Quanto vale a gratidão?
É coisa que vem da alma
É sentimento que acalma
E conforta o coração
É dizer sim pelo não
É se dá sem pretender
É enxergar sem se ver
É simples, porém, sagrada.
É tudo e parece nada
É retratar-se ao seu ser!

Muito faz quem de repente
Dá-se a tamanha bravura
De curvar-se à criatura
Tão indiferentemente.
E num breve eternamente
De tal modo abnegado
Cujo ego que insuflado
Por um ato tão audaz
Tanto diz quem é capaz
De falar muito obrigado.

Mas é pena que essa ação
Um mero gesto de amor
Esteja, pois, sem valor
A troco de pretensão
Enquanto que o coração
Que vive a precisar dela
Amarga na bagatela
Da pobreza humanitária
Chora na ânsia falsária
Dos que ignoram ela.

O Seringueiro

Manaus, 2011

Em memória do Sr. Raimundo Rodrigues da Silva

Nascido em 25-09-1927

Soldado da borracha.

Sr. Raimundo é acreano
Mas tem sangue nordestino
Trabalhou desde menino
Jamais colheu desengano
Criou filhos com a lida
Hoje é exemplo de vida
De um altivo ser humano.

Suas mãos já foram um dia
Calejadas pela luta
Na floresta, na labuta,
Pelo ferro que feria
Tal incisão, pois, certa
O tronco da seringueira
Com distinta maestria.

Sua força foi notória.
Nos seringais, sua marcha.
Foi soldado da borracha
E fez parte de uma glória
Não logrou bens ou riqueza
Mas ajudou com certeza
A escrever a nossa história.

A chegada do inverno

O sertão enverdeceu
Alegrou-se a criatura
A terra virou pintura
De tanto que floresceu.
O sol se desaqueceu
O céu mudou o semblante
Sorriu também, gotejante.
O chão esfriou, choveu!

A lua nasceu dengosa
Qual serena a debutar.
O trovão veio acordar
A noite silenciosa
Tem gente fazendo prosa
Ao lampejo que alumia
O tempo que principia
A amanhecença invernosa.

Molhada a terra, eis que cheira.
A semente nasce, cresce.
O telhado se umedece
Corre a água na biqueira.
Sobe a rama trepadeira
A pastagem se levanta
Tem melodia que encanta
Na festa passarinheira

Chora a lenha encharcada
Enquanto a comida esquenta.
A família se apresenta
Numa prece devotada.
Na varanda a rede armada
Grato, o sertanejo diz:
Obrigado a Deus, feliz,
Por mais uma invernada.

Rio Aracoiaba

Se se morre um rio
Se um rio se vai.
Se o rio suplica
Se um rio jamais
Ver-se aflorar...
Se a água não jorra
Se o leito agoniza!
Se se chora de dó.
Se o rio não corre
Se ninguém lhe socorre
Se se sente só...
Se o rio soluça
Se em silêncio grita
Se, sucumbe à sorte.
Se um gesto de morte
Oprime o seu ser.

Se o verde sem viço
Se enfim, não margeia.
Se os pássaros não gorjeiam
Que triste de ver.
Se o rio acena
Numa luta serena
Querendo seguir
Sem nenhum desengano,
Sem o ato profano, insano, humano...
Sem se afligir.
Se o rio não morre
Se o rio sorri
Se o rio é vida.
Rio é como nós
E todos temos o direito de viver.

Casa de farinha

Ainda guardo lembranças
pois, das casas de farinha.
Dos anos que nos convinha
O tempo e suas bonanças.
Homens, mulheres, crianças,
Numa labuta animada.
A moça enamorada,
O beiju e a gamela...
Ah! Como a vida era bela
Nas noites de farinhada

Constatação

A vida é como uma estrada
Que nos conduz para o fim.
Cada um, bom ou ruim
Segue na mesma jornada
Não há volta nem parada
Nem ninguém pra acompanhar
Nada se pode levar
Não importa o que se tem
Enfim, todos como vem
Se vão pro mesmo lugar

O crepúsculo

Ei-lo rei, pois que majestosamente,
Entre as nuvens distintas do arrebol
Sem alarde, porquanto, o astro sol,
Apresenta-se tão singelamente
E caindo a cortina do poente
Uma insigne aquarela emoldurada
Com as mais belas cores, rabiscada
Pelas mãos do divino Criador
Sob aplausos despede-se, e ao se por,
Logo volta pra outra temporada.

Amor proibido

"Ao primo Messias Nogueira"

Tanta paixão arrebatou-lhe o ego
Não mensurando a conseqüente sorte
E assim tomado de um anseio forte,
Qual sentimento fê-lo surdo e cego.

Porém munido desse grande ardor,
Ao desdenhar até perigo e medo
Logo decide e, madrugando cedo,
Ousa roubar o seu distinto amor.

Mas sem demora tal instinto alheio
Pretensioso e conspirante veio,
Impiedoso a provocar porfia.

E da ventura que tão logo cessa
Restou enfim, só a ilusão, a peça,
Cujo destino lhe pregou um dia.

Fonte de cultura

Maranguape, boa Terra
Lugar de gente feliz
Onde a arte tem raiz
E a cultura não emperra
Sua praia é a serra
Aos seus heróis dá guarida

Qual história percorrida
Tanto encanta e nos convence
Ser, pois, um maranguapense
É ter orgulho na vida.

Presente de páscoa

Pra não dizer que não te trouxe nada
Do que se espera,
Nada além!...
Talvez algo não palpável
Como um ovo, que como tal só se parece.
Ovo não é prece!
E quem por si vale mais?
Ovo tem forma
Prece, não.
Ovo se degusta
Prece é oração.
Se não te basta
Perdoe-me pela intenção.
Sei que ovo é belo
Já meu coração é singelo
Que ovo tem sabor
Minha oração não tem cor
Que ovo é presente
Minha oração é simplesmente
Um gesto de amor.
E isto além de me parecer suficiente
Apenasmente é tudo que pude dá...

O anoitecer em Várzea Queimada

Sobre a copa da mata o sol se vai.
Entre os raios do crepúsculo,
A calmaria do poente,
A vastidão do Oeste!
O anoitecer se aproxima.
E na alvura do horizonte sob o azul do céu,
Eis que a lua quão discreta se avizinha.
Simples, porém,
Radiante como uma dama a debutar.

O vento sopra a brisa ribeirinha.
As árvores se embalam.
Os pássaros cantam,
E pulam, e se aninham,
Envoltos ao perfume das flores

O desabrochar das rosas.
Nos quintais, as galinhas se empoleiram.
Enlevadas pelo ditoso e altivo cantar do galo.
Nos currais, o gado se arrebanha.
As cabras, as ovelhas...
Também os porcos se agasalham,
Os jumentos pastam...
E até os cururus, renitentes,
Agrupam-se aos pés dos postes
Para oportunamente
Se fartarem num banquete fervoroso de insetos.

A noite chega!
Acendem-se as luzes.
As casas se iluminam.
As estrelas aos poucos vão surgindo.
A lua brilha, agora, disfarçadamente.

Das cozinhas vem o cheiro do jantar.
Lá fora, entretanto, são tantas as brincadeiras:
_ O passeio de bicicleta,
_ O encontro dos amigos,
_ O resumo do futebol,
_ A hora do anjo,
_ O terço na capela.

Nas bodegas, em meio às prosas e conversas,
Toma-se o mata bicho.
Enquanto nas calçadas
Ou nos bancos de carnaúba de baixo dos pés de ninho,
Tecem-se as fofocas,
Os acontecimentos do dia.

Nos terreiros,
As rodas de estórias,
Os causos...
Nas salas,
O jogo de dominó,
As novelas,
As visitas, etc.

A ternura da noite começa a chegar.
O calor do dia dá lugar ao frio e ao sereno,
Que timidamente já envolve todo o lugar.
A vida, enfim, se envaidece!
Mais tarde vem o silêncio.
A graça do descanso,
A glória da peleja.
Mais tarde, todos dormem,
E sonham...
E acordam para um novo dia.

Minha mãe...

Quando era criancinha
Minha doce mamãezinha
Fazia-me cafuné.
Como um anjo me benzia
Embalava, eu dormia,
E guardava em sua fé.

Chamava-me com agrado
Com tal zelo, dedicado,
E serena me tratava
Dava banho bem fresquinho
Enchia-me de carinho
Em seu colo me catava.

Servia-me na cozinha
Dava asa de galinha
Pra um dia eu voar
Comprava chinela e pano
Roupa nova todo ano
Pra ir à missa rezar.

Sempre em sua companhia
Em qualquer lugar eu ia
Nunca me dissera não.
Sempre me prestou cuidado
Cada passo, lado a lado,
Jamais me negou a mão.

Minha mãe, ativa graça,
Eterno amor, que me enlaça,
Palavra certa, sentida,
Mãezinha, qual sábia e pura,
A mais digna criatura
Alento de minha vida.

Tempo, discernimento e recordação

Passa o tempo, incoibível,
Calmo, vai-se norteando.
Tudo cuida e, sem descuido,
Nossos sonhos vai levando.
Itinerante não espera
Nem se importa de deixar
Sua marca em nosso rosto.
Cada traço, cada gosto,
Cada resto de ilusão.
Eis o tempo, a solução,
Das coisas em que a gente
Por não poder, comumente,
Vai deixando para trás.
A peleja contumaz.
A preguiça do querer.
A tristeza, o encanto,
O prazer, que entretanto,
Alegra-nos e faz chorar.
Pelo tempo tudo é visto.
Seja até o eu de si.
Como é bom lembrar de ti,
Do tempo em que ao tempo
Éramos tão desatentos
E tínhamos pela mão,
A ternura de um aperto,
Um gesto sem pretensão,

Ou um ato sem maldade
Que sem tempo, de verdade,
Ficou na recordação.

Mas, o tempo é companheiro,
E fiel, por conseguinte...
Sábio, justo e, quão atento.
Tempo é discernimento
E por ele tudo enfim,
Dá-se em tal anacronismo.
E ter tempo é tão preciso
Como os meios para os fins!

Século XXI

Passam os séculos.
Passam os anos.
Os dias se vão...
O tempo anda a passos normal.
Não corre, não para,
Não cansa da lida...
Numa busca renhida que não se chega ao fim.
Vidas desabroçam,
Despetalam-se como flores.
Descobrem-se amores,
Valores diversos.
Muda-se o curso dos sonhos.
Torna-se emergente!

Tudo é algo simplesmente possível,
Cabível na palma da mão.
Não, é quase ilusão.
Sim, é graça que pode.
Concepção é algo que nasce a cada instante;
E assim se renova o ato.

Tudo é iminente!
Rapidamente se transforma e a fio caminha.
O ser se defronta
E nasce e cresce.
E vive e perece
Em tal condição.
E por ter razão
Vale-se da sorte
Sem, contudo negar-se.
E, por fim, pensante,
Instintivamente
Muito se compraz
Da sua grandeza
De fazer surgir.
De se definir
Entre tantos outros
Envoltos, alados
Mensurados na conformidade
Da realidade de realizar-se.
Um milênio se foi...
Outro também!
E eis que nascente

Um novo desponta
A contemplar o ser
Descortinando a vida!

O sertão é como nós
Por sobre o plano ondulado
Qual olhar enternecido
O horizonte azulado
O sol fremente e temido
A chuva o verdor do chão
O despontar do verão
O arco íris despido.
O rio que assim, desfila.
A pouca água, a areia.
O primor da clorofila
A palidez, seca e feia.
A neve que ora, encanta.
A pedra aguda, a tamanca.
Em minha alma permeia.
O João de barro, o pedreiro.
Como homens, casa faz.
O cantador, violeiro.
O curumim, contumaz.
O xiquexique, espinheiro.
Do pedregulho ao lajeiro
Qual respeitoso e audaz.

A caatinga, pomposa.
Quantos dotes nela tem

Rala, densa ou garranchosa.
À natureza convém
E a fonte que lhe norteia
Nunca seca, vive cheia.
Das coisas que lhe faz bem.
Aurora que principia
O dia que vai chegar
Crepúsculo que anuncia
As belezas do luar
As estrelas do carreiro
A cruz do santo cruzeiro
A fé nas coisas de lá
O vento que leva a folha
A força de cada intento
O rumo de cada escolha.
A peleja do rebento.
Tristeza lá não é triste
Pois a vida em si, consiste
Infundo contentamento.
Meu sertão é mensageiro
De tudo que tem e quis
Sábio, herói, companheiro.
E parte deste país
Um ser feito eu, que sente.
É igualzinho a nós, gente.
Também vive e é feliz.

Paixão

A paixão nos queima sem arder
Dói, mas uma dor que não se sente.
É como sofrer e ser contente
Algo que se quer, sem pretender.

Rio que transborda sem encher
Lágrimas que caem sem ter pranto
Fonte inesgotável de encanto
Graça que se vive sem querer.

Luz que delineia sem se ver
Ser ao qual se quer e não almeja.
Sorte venturosa que revela.

Sentimento que nos faz viver
Como quem não sabe o que deseja:
Resistir ou entregar-se a ela.

Educação

Fonte infinda, luz crescente.
Mãe altiva do saber
Alento que faz nascer
O desejo de ser gente
Viço álaçre nascente
Que espalha à imensidão
As dádivas da razão
Imorredoura semente.

Quão majestosa ventura
Qualquer forma de eloquência
Todo ardor da sapiência
Tal frêmito de cultura
Da mais ofegante e pura
E distinta inspiração
Que enobrece o coração
Com graciosa bravura.

Quem te ousa contemplar
Vai por sorte se envolver.
E assim, unir-se ao prazer,
Se despir e se encantar
Emergir e mergulhar
Em um mar de pensamentos
Cheio de conhecimentos
Sinuoso a ondular.

Quantos querem lhe seguir
Quem consegue lhe buscar
Onde pode lhe encontrar,
Se, deseja descobrir?
O seu estro a reluzir
O pecúlio da alegria
Cheio de sabedoria
Como forma de existir.

Quisera trilhar, ufante.
Com apego, fé e zelo.
Aliviar-me ao conselho
Do seu ego itinerante
Deleitar-me em cada instante
Que transformado em vitória
Faz do sonho, uma glória.
Cada ato relutante.

É a fonte da razão
Qual sorte tão preferida
Gesto que instigando a vida
Torna-se rica benção.
Que todos tenham paixão
Por essa musa tão bela
Cujo nome que tem, ela.
Chama-se: educação.

A janela

À Esmefrânia Braga

Da tua janela, vê-se o mar.

Majestoso como um rei...

As ondas incansáveis,

O azul em movimento,

A vastidão do olhar!

Da tua janela, o horizonte, infindo...

Longínquo como o pensamento,

Tão teu como o próprio eu

Descortinado a cada desejo.

Da tua janela, eis que o vento te enlaça.

Distinta graça!...

Como o estro, indomável, porém, como os teus próprios sentimentos, a desaguar como o mar, em si mesmo.

Da tua janela, tua sorte.

Aquela...

Como algo em ti que te detém.

Como ninguém,

E como alguém jamais o fez.

Da tua janela, o sussurro da tua calmaria.

O silêncio das tuas palavras.

A dor que te sufoca

A paz que te alivia.

Da tua janela, o calor do teu leito.

A magia dos teus sonhos que à alma transcende.

O ardor que te ascende à imensidão da paixão,

À plenitude do amor...

Da tua janela, mais que o canto das águas

Sedentas ao cais.

Da tua janela, quais ruas pequenas,

O clamor das antenas em busca de mais.

Da tua janela, as razões serenas que, ora, ponteiam.

As estrelas que passeiam

A lua que te acena.

Da tua janela, e não mais que dela...

O teu mundo se faz.

O teu gesto modesto

O teu ego audaz

A altivez dos teus atos

A fraqueza do teu ser.

O ombro que ampara

A angústia que sara ao amanhecer.

Da tua janela, tudo enfim, acontece...

E te envaidece...

Embora simplesmente assim:

Como o cheiro da brisa que te sopra

O trabalho que te sustenta,

O amor que te alimenta,

O teu próximo, que às vezes, de tão próximo,

Está distante de ti.

Da tua janela, eis a vida!...

O bem maior, que me faz ver.

Como o binômio do teu nome,

"Esmefrânia",

Só tem tu
Como tua janela
Como tais, tu e ela.
O ousam ser.

Amor

Amor, qual sublime sentimento.
Arte de existir de todo ser
Ato cujo à vida faz mover
Força que nos ergue ao desalento.

Amor, desprezioso invento.
Obra que se faz sem perceber
Graça que ganhamos sem saber
Relíquia que se encontra ao relento.

Amor, cada instante de bravura.
Ao gesto inefável que perdura
N'alma, ternamente concebida.

Amor, tal distinta, mera e pura,
Sorte, e, pois quem logra quão ventura.
Não perecerá, jamais, na vida.

Insigne ser

Maria...
Qual nome o teu!...
Maria...
De tão simples, talvez...
Tão grande se fez.
Maria...
Embora singela,
A maior entre todas...
De pureza tão bela
Como tal.
Aquela...
Distinta Maria!
Quão sabedoria!
Toda honradez.
Ó Maria...
Eis concebida.
Criança nascida.
Maria, mulher..
A mais venturosa
Serena, ditosa
Altiva como sois,
Modesta, como enfim, o é!
Maria...
Palavra de fé.
Insigne "ser"
Maria que Deus
Ousou escolher

Para sua mãe! ...
Maria...
Como todo dia!
Tua graça consiste.
Maria...
Alguém que existe.
Embora discreta.
Como tal, o poeta.
Maria... Maria... Maria...
O teu nome é quem diz,
Que tu és feliz!

Sônia

**À Professora, Sônia Garcia
Manaus – AM.**

Sônia, graça que se quer,
Sônia, nome que se dá.
Sônia, não, de sonhar.
Sônia, distinta mulher.
Sônia, palavra sem “h”
Sônia, mestra do saber
Sônia, ensina a aprender
Sônia, és homófona
Sônia, sonhar é preciso
Sônia, como, enfim, o é.
Sônia, que a vida te quer
Sônia, como teu sorriso.

Tudo

Tudo...
Palavra completa.
Sentido absoluto.
Relativo...
Como todas as coisas.
Como o próprio vazio
Que também é tudo
Enquanto nada.
Tudo...
Todavia...
Sem nenhum qualquer.

Ou quase enfim.
Algo mais,
Ainda assim.
Ou então
Que seja...
Tudo cabe em tudo
Como toda ideia
Que se possa ter.
Tudo...
Apenas a vastidão,
Da ausência...
Do que há
Quando se imagina.
Tudo...
Até a infinitude da pequenez
À longínqua imensidão
De tudo o quanto urge existir.

Tudo...
É maior que razão.
Ou não...
Pois a razão é a base de tudo.
Enfim...
Até tudo é assim.
Tão simples como se pode achar.
Contudo,
Tudo é igual.
É opcional
Apenas palavra!

Acnóstico

À jovem Talita Nogueira

Tudo podes quando enfim, almejas.
Ao passo que altivas, se desejas,
Livremente sempre ser-te-á.
Imorrente, graça concebida.
Traços existenciais da vida
Auspicioso gesto de amar.

Na precípua candura da idade
Ostentando quão distinto ser.
Grata sutileza do crescer
Uma alusão de tal bondade
Em cujo reluzir da vontade
Instigante faz-se revelar
Rosas e espinhos para tocar
A saber, a grata liberdade.

Considerações

Homenagem ao Distrito de Plácido Martins

(Passagem Funda) Aracoiaba - Ce

Encravada na costa da ribeira,
Eis que surge discreta e campesina
Ao nascente, o azul que descortina
Sobre a copa da mata derradeira.
A Tamanca, formosa e altaneira,
Feminina, em serena singeleza,
Ao doar-se pra sorte da beleza
E sombreando as águas do Choró,
Faz do novo lugar, distinta e só,
Referência por toda redondeza.

Tão pequena, nasceu Passagem Funda,
Abeirando as mangueiras imponentes.
Nas várzeas os verdores condizentes
A brisa, tal fagueira e oriunda.
Da vastidão do olhar que enfim, se inunda,
No desaguar, por vezes, invernal.
Professando o desejo natural
Na fé que tão sublime principia,
A crença ditosa a Santa Luzia
Presente na vida de cada qual.

O seu nome remonta a Travessia
Nos tempos de bonanças e torrentes.
Numa luta de homens e viventes,

Cruzando a turva água que corria.
Arfantes, porém, cheios de alegria,
Encorajados iam a diante.
Assim, numa peleja tão marcante,
Sem pressa, sem alarde ou pretensão,
Contudo, foi crescendo no sertão,
Até ficar pomposa e radiante.

Mas, passaram-se os anos comumente,
De forma costumeira e tão normal.
O tempo sem querer deixa o sinal,
E transformando tudo segue em frente.
A ancestralidade de uma gente,
Toda sabedoria que perdura.
Que seja altiva ou simples qual ventura,
Há traços indeléveis a saber,
Se mui merecedor é cada ser
Também é imorrente a criatura.

Enfim, ao deleitar-se, pois, contente,
No limiar de tais vicissitudes
Reflete-se nas grandes atitudes
Logrando do progresso emergente.
Ganhando nova alcunha legalmente
Quais filhos como todos, tantos fins.
Porém, um deles ousa entre os sins,
Seu nome, todavia, devotar,
Viera então, um dia se chamar:
" Distrito de Plácido Martins"

A seca do quinze

2015 - Centenário da morte de Izabel e Luzia, mártires de
Aracoíaba

Mil novecentos e quinze
Há um século passado,
O nordeste brasileiro
Foi deveras castigado
Por uma seca tão forte
Que numa mesquinha sorte
O sertão foi desertado.

"O quinze", como narrou,
Nossa "Raquel de Queiroz"
Bem como conta a história,
Nossos pais, nossos avós,
Sem haver gotejação
A seca varreu o chão,
O sol se fez nosso algoz.

A terra tão ressequida
O pão se negou a dar.
A caatinga secou tanto,
Virou lenha de queimar,
A água não suportando
Logo foi se definhando
Sem forças pra suportar.

Sertão ficou sedento
Tão faminto por demais.
Pois morria desde gente
Sem contar os animais,
O céu limpo e azulado
Tremia ao olhar cansado
Do homem já incapaz.

Neste inóspito cenário
De tanta desolação,
Retirantes norteavam
Caminhos sem direção
Buscando na esperança
Merecer a venturança
De ao menos ter água e pão.

Muitos tombavam sem forças
E caindo em qualquer margem,
Numa estrada tão comprida
Sem ter sombra ou paragem,
Cujo martírio notório
Deu lugar a oratório
Simbolizando a passagem.

Deu-se, pois, que viajavam,
Pela nossa redondeza
Duas jovens (Izabel e Luiza) tão sedentas
Marcadas pela pobreza
E por não mais aguentar
Uma veio a desmaiar
Devido à grande fraqueza.

Tem o nome de "balança"
O lugar onde caiu.
Nisso a outra aperreada
Aflita logo saiu
Na esperança de encontrar
Enfim, água pra salvar,
Aquele que sucumbiu.

Mas, ficou tão ansiosa
Numa cacimba de areia
Bebeu água em demasia
A barriga ficou cheia
Esmorecendo, porém,
Sem forças caiu também
E morreu em terra alheia.

Sem socorro, a primeira,
Sob o sol veio a morrer
Tanta fome, tanta sede,
Vieram lhe acometer,
De tal sorte, deletéria,
A mais profunda miséria
Sem direito a viver.

Assim terminou a saga
De pura segregação,
De quem pereceu na luta
Pra viver nesse torrão,
Que no céu venham rogar
Por nós pra Deus nos mandar
Chuva pro nosso sertão.

Lembranças de minha vó

Muito me lembra vovó
Bem junto à porta, assentada,.
No ofício de rendeira
Serena e quão dedicada
Tão hábeis suas mãozinhas
Teciam rendas branquinhas
Naquela grande almofada.

Feliz, despreocupada,
Cantava, se distraía,
Os bilros pra lá e pra cá
Um no outro, pois, batia,
Os alfinetes, tirava,
Zelosa, manuseava
A renda que produzia
Ao crepuscular do dia
Sem fadiga, mui contente,
Tão bela arte exhibia
E num encanto, somente,
Sem pretender, com fineza
Provava sua grandeza
Diante de toda gente.

Tanto apreço, felizmente
Cuja força, desmedida,
Convence-nos quanto orgulha
E pela graça auferida
Nela bem se cumpre o plano
De um grande ser humano
Tamanho exemplo de vida.

Apelo

De mim, tudo podes conseguir.
Desde que também saibas doar.
Nunca me procures sem se dar.
Quem quer, tem que bem retribuir.

Sei que muito tens a oferecer.
Não consentirei teu egoísmo
Assim, quero evitar que no abismo,
Pois, te precipites sem saber.

Porém, pretendendo, só lamento.
Não terás sequer nenhum momento
Que por fim, jamais possas lograr.

Mas, se porventura a tal contento.
Venhas conceber meu sentimento
Eis que poderemos partilhar.

Passa tempo

Olhe o tempo,
Vai passando!...
Vejo da minha janela.
Passa tempo, passa tempo,
Vai passando como aquela
Nuvem solta lá no alto.

Passa tempo, passa tempo,
Passa tempo como ela. .
Passa tempo, passa tempo,
Sem preguiça de passar.
Passa tempo, passa tempo,
Sem ter pressa de chegar.
Passa tempo, vai passando,
Todo tempo sem parar.
Passa tempo, passa tempo,
Enquanto eu me contento
Somente em te ver passar.

Passa tempo, passa tempo,
Noite e dia sem cansar.
Passa tempo, passa tempo,
Até quando, sabe lá.
Passa tempo, passa tempo,
Seu destino vai levando.
Passa tempo, vai passando,
E eu no mesmo lugar.
Passa tempo, passa tempo,
Passa tudo, na verdade,
Só não passa essa saudade
Que não quer te acompanhar.

Passa tempo, passa tempo,
Passa tempo, vai passando,
Eu daqui fico te olhando
Até quando, até quando...

Quando chove no sertão

Quando chove no sertão
Tudo que é bom acontece.
O sertanejo amanhece
Com muita disposição
Enche a cuia de feijão
Põe o bernal na cintura
Come pão e rapadura
E vai plantar o roçado
Pedindo a Deus, um bocado.
Pra que se tenha fartura.

O verde tão logo encanta
O rio fica corrente
O homem sorri contente
Reza novena pra santa
No terreiro o galo canta
Cantador faz cantoria
O sapo se delicia
A formiga cria asa
Tem fogão de lenha e brasa
E pote com água fria.

A andorinha ligeira
Hábil, sai em revoada.
Vaqueiro tange a boiada
Toma-se banho em biqueira
Tem menino com frieira

Lenha seca no cambito
Cabra que enjeita o cabrito
Riacho dá enxurrada
No céu cada trovoada
Estremece o infinito.

No alpendre tem muita prosa
Lá na cozinha o jantar.
O pavão fica a mostrar
Sua beleza pomposa
Tem gente fazendo glosa
Tem galinha no poleiro
Porco fossando o terreiro
Tem xerém lá na gamela
Baião de dois na panela
Leite morno no papeiro.

Tem pinga no pé do pote
Água fria na quartinha
Tem vovó fiando linha
Tem donzela e rapazote
Mulher tem é de magote
De beleza enternecida
Quem lutou conhece a lida
Sabe gostar do que quis
Eu gosto, e sou tão feliz,
Agradeço pela vida!

Além de mim

O que dizer de você,
Se nem mesmo sei de mim!..
Se o sondo, é sem querer.
Se nem acho, pois, assim,
Como um traço eis que sou
Se existo sou amor
Se me apago, sou o fim.

Como ousa o indagar
Se apenas sou apelo.
Se o escuto, o enxergo,
Se me nota, me tem zelo.
Se distante me aproximo,
Sendo grande, sou menino,
O que quer, busco sê-lo.

Se se inclina, eis que sonho.
No alento me refaço.
Se deseja, me proponho,
Se tropeça, sou o laço,
E, sem mais pretenso e tanto,
Nada além do seu encanto,
Muito é, eu pouco faço.

O sertanejo

"O sertanejo é antes de tudo um forte",
Assim dissera Euclides da Cunha.
Carregamos até mesmo na unha
A nossa terra, a peleja e a sorte.
Do Brasil, um pedaço ou o norte,
De um povo feliz, "Cabra da Peste".
Dos costumes, da alegria agreste
E da aridez pomposa do sertão
Do humilde, porém, rico torrão
De um tesouro que se chama Nordeste,

O Arco

**Do alpendre de minha casa
Sítio Jacaré, Aracoiaba – Ce 25/01/2019**

- Enfim... Sertanejo, eu?
O sou. E, pra variar,
tenho um ARCO em minha casa,
uma OBRA singular.
Não é nada como a LAPA,
tão pouco não é famosa
tal qual a (Cidade) MARAVILHOSA,
pode até ninguém notar.
Mas, tão encantadamente,
todo dia, do nascente
ele me traz, gentilmente,
o sol, distinto e formoso
do horizonte vasto,
enquanto eu, orgulhoso
inda contemplo a beleza
vistosa, da natureza
que Deus, com toda franqueza
o fez só pra me agradar.

É certo que é bem discreto,
não foi um GRANDE arquiteto
que de fato projetou.
Porém, meu PAI, homem simples,

sem um estudo, sequer,
com um prumo, uma colher,
inteligência e vontade,
usou criatividade.
Isto, porque, na verdade,
a tal Universidade
nunca viu, também não sabe,
se existe ou onde é.

Do meu ARCO, fico olhando
a vida se despertando,
o dia descortinando,
os raios do sol chegando
num discreto palmilhar.
Dele, vejo as paisagens,
as árvores e as pastagens,
as mais bonitas imagens,
o passaredo a cantar.

O meu ARCO é meu roteiro,
e visito o ano inteiro
sem precisar de dinheiro,
ponte aérea ou coisa assim.
Posto que, meu ARCO, enfim,
comumente é corriqueiro.
É meu destino primeiro
e vejo do meu terreiro,
pois, bem pertinho de mim.

Mulher

Ó mulher, qual virtuosa.
Que não é fêmea, somente.
Que tem um jeito de gente
Mas, a alma graciosa.
Que é frágil como a rosa
Mas é rocha, de tão forte.
Que mesmo logrando sorte
Inda ousa ser bondosa.

Sempre faz sem receber
O bom gesto jamais nega.
Não se furta do que enxerga
Nem se curva ao que se ver.
E de tanto conceber
Com tal estima se doa
Pouco importa ser tão boa
Vale mais poder fazer.

Sempre busca sem cansar
Da distância não tem medo.
Não importa, tarde ou cedo.
Em que chão possa pisar.
Embora venha chorar
Nem que o mal faça sofrer
Não hesita em aprender
Não desiste de ensinar.

Sem volver-se enfim, na lida,
Cuja trilha nunca erra
E no afã o qual lhe encerra
Jamais sente-se exaurida
Assim de modo aguerrida.
Quão serena e sabiamente
És um raro ser vivente.
Deste bem chamado, vida.

Amor

Quão sublime é o amor
A mais digna conduta
Pelo qual eis que se luta
Com incansável ardor,
Porém se preciso for,
De tal modo relutante,
Peleja-se a todo instante
E amando-se mais ainda
Faz-se o amor glória infinda,
A graça mais importante.

Você

Que coisa boa... De ver.
Quão mulher, distinto auspício.
Que das lidas faz ofício,
Eternizando o seu ser.
Despretensa, como um quê,
Muito mais, tal, pois, pungente.
Eis que grande, ou meramente,
Mensurável ou sem medida
Quanto bem fazes na vida
Você... Exemplo de gente!!!

Perspicácia

Sábio é você que enxerga
O que sempre não se vê.
O que tentam esconder
O que tão pouco se prega
Mas que a vida, jamais, nega,
E muito tenta mostrar
Quem se deixa enfim, notar,
A sorte, não se faz cega.

Viver

De tal modo sem saber!
Quem vive alegre e feliz
Certamente a vida quis
E nunca vai esquecer
Por quem sabe viver
Em tudo encontrará graça
E a vida vai, mas, não passa
Sem antes eternecer.

Bom dia

Onde anda você
Por onde tem passado
O que tem sonhado
O que está a fazer
Pois que sem querer
Ou querendo, sei lá
Só pra desejar
Dos dias o melhor
Ousei, veja só
Sem lhe consultar!

Bom dia para você
Qual ser que humanamente
Tem jeito de boa gente
Tão sereno de viver.
Que muito tem a dizer
E diz mais, e sem cansar.
E se cansa se parar
De ser útil e sempre e tanto
E por lograr deste encanto
Resta-me cumprimentar!!!

Enlevo

O teu amor hei seguido
Sempre, e com tamanho zelo.
De modo que tal desvelo
É distinto e desmedido.
E num querer comovido
Espero lograr-te tanto
Que em face do teu encanto
Mais se encante o meu sentido.

O carnaval

Eis que se dá o entrudo...
Que por não ser usual
E por, tanto extravasar,
Ousa enfim, pois, se chamar,
Simplesmente, Carnaval...
Onde tudo é tão banal
Onde o certo vira errado
Onde o ser, contrariado,
Chega até se confundir
Entristece enquanto rir
Anda na contrapartida
E assim, em veste despida,
Tão exacerbadamente
Vive o prazer mais dolente
Das vaidades da vida.

Vida, o bem maior

Pois, em tudo a natureza,
É perfeita por demais.
Tem coisas que se assemelham
Ou diferem como tais
Daí então, que se aprende,
O valor dos "cada quais"

Pessoas que se detestam
Ou se afinam, com prestezas.
Tem outras que compartilham
Alegrias e tristezas.
Enquanto a vida nos mostra
Seus valores e grandezas.

Tudo é bom, tem seu papel.
Sem se por, ou sem tirar.
A vida é sábia, é justa.
E a nós, pois, sabe se dá.
E é a mais bela obra
Pra quem sabe admirar.

Enfim...

É o tempo, mediano,
Nem custoso, nem fugaz.
Não caminha apressado,
Também não fica pra trás.
Para poucos, tempo é tempo,
Para muitos, tanto faz...

O pilão

Causo

Inda alcancei o pilão
Tenho orgulho de lembrar.
Pisei milho para o pão
Pra xerém e mungunzá
E sem querer aumentar
Nem fazer pabulação,
Não tinha preguiça, não,
Pisava até descascar.
Aquele arrozim torrado
Trazido lá do roçado
Pro mode fazer o baião
E misturar com toicim
Farinha de gergelim
E água do cacimbão.

Também pisava o café
Deixava só o pozim.
Castanha e coco - baé
Pra gente fazer sonhim,
Merenda ou quebra-jejum.
Semente de jerimum
Caroço de algodão,
Tinha um calo em cada mão
Mesmo assim não se cansava...
Rapadura eu pisava
Araruta e croatá
Farinha pra afinar
E fazer caldo e pirão
Beiju e resto de pão
Pra misturar com mingau
Folhas de bamburral
E raspa de aroeira
Pra esfregar nas frieiras
Que eu pegava no curral.

Fumo seco pra tabaco
E casca de jatobá
Pipoca feita no caco
Para fazer aluá
Pisava sem demorar...
A mão pula, pula ,pula.
Duas mãos, uma caçula...
Um pilão a soluçar.

Eita tempo velho bom...
Coisa chique não havia.
A tal tecnologia
Não era nem novidade.
As coisas lá da cidade
Tava longe do sertão
Léguas de separação
Da industrialidade.

Eita tronco de angico!
Que o serrote e o formão
Conduzidos pelas mãos
De meu pai, mestre querido.
Transformado e esculpido
E muito por nós o fez.
Um grande pilão, talvez,
Que já foi um dia, e tinha,
Pois, tantas utilidades,
Hoje é apenas saudades
Lá no canto da cozinha.

Aracoiaba, antiga Canoa.

Minha terra é cheia de encantos
De cantos e passarada
De serras que lhe cobriçam
De um sertão que lhe deseja
De Marcelino, de peleja,
É canoada

Minha terra é verde, ardente,
Aridamente orvalhada
É rio, é trilha, é caminho,
É Jenipapo, é Canindé,
É rastro de bicho e de pé
É cavalgada

Minha terra é aurora, é poente,
É gente ovacionada
É arte que reluz
Mão que risca e pinta
É aquarela distinta
Agraciada

Minha terra é pedra, aguda,
É planície ondula
É tamanco inerte, é serrote,
É rua grande, é canção
É Valdez, é violão,
É dedilhada

Minha terra é punhado de chão
É flor cheirosa, rosada,
É sol, chuvisco, paragem,
É urbana, é campesina,
Brava alma, é nordestina
Abençoada

Ana Maria Nascimento

**Homenagem à Ana Maria Nascimento por ocasião de sua
doença tratamento e recuperação Fortaleza, 21/08/2016.**

Sob o crivo cruel e tão mesquinho
Norteando qual longo palmilhar
Eis que a sorte sem dó nem hesitar
Nas nuances do áspero caminho
Sequer, pois, mensurou tal desalinho
De modo contundente e não banal
Assim ao deferir revés ou mal
Agindo com discreta covardia
Ousou acomodar-te à revelia
No leito inóspito de um hospital.

Agora, ei-la calma ou contumaz
Buscando compreender a tal ventura
As forças advindas da bravura
A causa infortuna e tão voraz
O gesto afaçável que a apraz

O grito do silêncio a discorrer
Porquanto, sobre a condição de ter
Os traços deste indesejável gosto
Que embora invisível salta ao rosto
Mostrando o quanto frágil é o ser.

Alheia a este drama, eis pequena
Porém nem mesmo o medo a contraria
Pois, sempre resignada, todavia,
Com esperança luta em cada cena.
Qual doce formosura, antes, plena
Ruiu pela contenda vexatória,
Que enfim, por comprovar a quão simplória
Penumbra que se vive e, dentre a qual,
Ensina o criador, num só sinal
A recobrar os passos da vitória.

Fadada ao descompasso tão dolente
Ciente deste estigma aviltante
Buscou, pois, desmedida e incessante
O meio recorrível e aquiescente
Decerto fê-la jus o Deus clemente
Enfim, por conceder profícua lida
Conforta-se na compleição cumprida
E a quem se alegra com as graças tuas
Por muitos anos, inda continuas
Poetizando os sonhos desta vida.

O Sábado

Sábado...

Um dia especial!

Diferente, porém...

O último da semana.

Não há sábado feira

Contudo, fazem feira no sábado.

O sétimo dia!

O dia do ócio?

Não.

O dia do descanso.

O dia do senhor!

O dia em que se admirou

O saber profundo.

O próprio mundo,

A obra final.

Sábado...

Não parece normal?

O dia que se espera!

E se pondera...

A gratidão

O reconhecimento...

Sábado é encantamento.

Tempo de paz.

Aliás,

Afora a tradição,

Doutrina ou razão,

Nada além da verdade.
Nem diversidade,
Contenda ou conflito,
Pois está escrito:

- Observem os meus sábados porque são um sinal entre mim e vocês por todas as gerações como aliança eterna. (Êxodo, 31, 13,16).

Devaneio

Brasília, novembro de 2016

Iluminei-me no vasto clarão dos trópicos e no seu brilho avistei Brasília. Sua cúpula tirava pestana após almoço, sobejante, as aspirações do povo. Tentei acordá-la, não consegui, pois delirava em devaneio sonhando com o futuro do Brasil.

O dia em que nasceu um gênio

Ocara, julho de 2018.

Ocara, mil novecentos e quarenta.

Entre tantos e importantes acontecimentos vigentes na história mundial, um veio a se destacar.

O verão avizinhava-se. As fogueiras clareavam as noites, animadas pelas quadrilhas, as brincadeiras... sob o céu estrelado, calmo e sereno; acalorado pelos fogos e contagiado com a alegria de um povo feliz.

Era mês de junho, o calendário registrava 28, véspera de São Pedro.

Caía a madrugada. O passaredo logo despertou. Ao principiar da aurora, ei-lo a entoar sonoros e afinados acordes, contrapontos, dobrados... a mais bela e perfeita sinfonia jamais ouvida, anunciando, certamente, um novo, porém, único e especial amanhecer.

O dia se descortinava. Os primeiros raios começavam a surgir. Radiante no horizonte, o Sol ia aparecendo comovido e envaidecido aos enlances do crepúsculo, como nunca se viu.

As flores desabrochavam. O perfume tomava conta das colinas. A mata verde e orvalhada se inclinava calmamente embalada pelo vento. Uma tenra garoa se precipitava. O cheiro de terra molhada misturava-se à brisa campesina. Pássaros faziam revoadas. As andorinhas pompeavam-se no ar. Os animais corriam pelas campinas; e pulavam e confraternizavam entre si. Os galos cantavam nos terreiros.

Beija flores acampavam nos jardins. O céu ainda enlustrado, surgia azulado na candura embranquecida. Badalavam-se os sinos em uníssonos constantes. Abriam-se as portas das igrejas. O povo aos poucos despertava. Os homens indagavam. As mulheres perguntavam. As crianças murmuravam. E todos cumprimentavam alegremente. E saíam de suas casas para ver

o que se dava. E tão logo eis que se encontravam. E se aglomeravam. E eram tantos, pasmos aos encantos, ora tão inexplicáveis.

Os relógios marcavam seis horas. Enfim, o dia começava. A natureza enfeitada se exibia. A paisagem com seus arranjos ostentados pelas flores, apresentava-se como uma aquarela imensa e singular. Uma expressa camada de neve pairava, pois, discretamente. Um arco-íris veio a riscar o céu com suas cores, cujos raios do sol as refletiam entre a multidão. Ouviu-se um ressoar como de corneta e do alto do Serrote uma voz ecoou num brado inconfundível e para o qual volveram-se os olhares. O grito fez-se escutar pela redondeza e ampliando-se na vastidão foi crescendo, crescendo... de modo que todas as pessoas desde as crianças até os mais idosos, indiferentemente extasiados diante de tal contentamento, foram subitamente despertados como num toque de mágica. Então, foi quando a voz reverberou exultante, ativa e solenemente e, por fim, bradou quão reverente dizendo:

- Hoje nasceu Zé Mitôca, o gênio da poesia.

O pescador

Em memória de Raimundo Cunha de Oliveira

1936 – 2009

Mestre Cunha, um grande pescador, em uma de suas aventuras nas águas do rio Choró, foi surpreendido pela força da natureza e embora conhecendo todos os segredos da pesca acabou sendo arremessado por um peixe. Ele relutou, relutou... pediu socorro, mas ninguém lhe ouviu e em meio a correnteza veio a silenciar. Que pena! Era um exímio nadador.

Sou nordestino da gema
Cearense, do sertão.
Matuto de coração,
Cabra da peste é meu lema.
Minha alegria é suprema,
Meu linguajar é pai d'égua,
Tenho fé pra mais de légua,
Nunca desisto, porém,
Não troco o chic de alguém
Pelo meu pobre arri égua!!!!

Abelardo Nogueira

De há muito conheço o autor da presente obra. Fui uma de suas professoras, no Colégio Estadual Almir Pinto, de Araçoiaba, onde, ainda, adolescente, Abelardo destacava-se entre os colegas, seu gosto pela literatura. Demonstrava facilidade e talento para externar o seu pensar nas diversas formas de escrever cordéis, trovas, causos e poesias, retratando os costumes, valores, a vida de sua gente, de sua cidade, da beleza da mulher, do amor e importância da família, como bem se ver no poema " Pais", página 72, em que dedica no seu último verso " ... que eles são para o filho, tal a lição e a melhor escola".

Abelardo, de todo o coração, desejo sucesso a você, e que essa publicação seja bem recebida no seio literário local, e que o incentive a produzir mais e mais, levando aos amantes da literatura a viajarem no seu mundo da inspiração poética.

Deus, o maior escritor da humanidade, o ilumine, abençoe sua caminhada.

Marilene Campêlo Nogueira

Advogada

Citações

O poeta é de si, tão próximo e disperso, que por si, chega a ser único enquanto diverso.

Ter dinheiro é muito bom, podemos comprar quase tudo.

Ter felicidade é bem melhor, não precisamos comprar quase nada.

Não invejo o colar da burguesia, ele poderia me sufocar.

Não quero, jamais, ter meu rosto estampado e ser cuspidos num papel ocioso.

Amedrontam-me as armas porque matam e destroem.

Encoraja-me, entretanto, a sabedoria porque corrige e liberta.

Não me impressiona a valentia dos que vencem a guerra.

Admira-me, porém, a mansidão dos que promovem a paz.

Se a ambição é um pecado capital, então quem tem ambição e não tem capital, é um pecador pobre.

A poesia é a melhor forma de buscar os extremos da alma, contornar o espírito e contemplar a vida.

É fácil ser paciente, difícil é lidar com as provações.

Nem sempre quem sabe, tem compreensão, mas, quem compreende, tem sabedoria.

O silêncio, como ausência de fala, é o melhor modo de guardar sigilo.

Porém, como forma de expressão, é a maneira mais sigilosa de responder.

Se ganhar dinheiro é tão difícil como é tão fácil gastar, administrar, no entanto, é tão relativo quanto absoluto, não ter.

Pra quem não tem sabedoria, um risco no chão é um enigma.

Sobre o autor

Abelardo Nogueira é natural do Sítio Jacaré, Aracoiaba-Ce. Filho de Bartolomeu Batista Xavier e Francisca das Chagas Nogueira Xavier, agricultores, junto dos quais viveu parte de sua vida ajudando no sustento da família. Estudou no Colégio Almir Pinto, em Aracoiaba, onde concluiu o ensino médio. No Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, em Fortaleza, participou do curso de Extensão em Música ministrado pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Músico, poeta, escritor, trovador e cordelista. é, em princípio, um típico representante comprometido com a cultura do seu povo. Os costumes, os valores e a vida de sua gente estão sempre presentes em muitos dos seus trabalhos (poemas, causos, trovas e cordéis) mantendo, assim, viva, suas raízes ainda que diante de tanta diversidade. Sua poesia, contudo é marcada por distintos pendores, traços do seu estilo peculiar cujo estro irrestrito apetece.



Entre suas publicações estão os títulos:

- Uma Janela ao Horizonte (poesia)
- Conhecendo Manaus (cordel), ambos publicados em Manaus-AM.
- Cordéis de História (Coautoria) em parceria com a Associação Cearense de Escritores - ACE e a Editora Prêmio.

Também registrou sua participação nas Coletâneas:

- Aracoiaba história em retalhos publicado pela editora Prêmio.
- Mensagens Solidárias à escritora Ana Maria Nascimento.
- I coletânea da AAFROCEL – 2015, homenagem à mulher.
- Coletânea novos escritores da AAFROCEL – 2015.

- Bodas de flores e frutos, edição comemorativa, ano 2018 da Academia Afro Cearense de Letras - AAFROCEL.

Bem como nas Antologias virtuais:

- Logos da fênix / Comunidade – 30 EDIÇÃO, MARÇO DE 2018.
- IV antologia mulheres pela paz (Augsburg – Alemanha), edição extraordinária, março de 2018 – poesia e arte.
- 32 antologia logos edição de setembro de 2018. eisfluencias (revista literária e informação) –
- 51 edição de abril de 2018.
- 52 edição de junho de 2018.
- 53 edição de outubro de 2018, 9º aniversário.
- Portal CEN Cá Estamos Nós – Antologia Virtual Amigos do CEN. Homenagem em edição especial de janeiro de 2019 com o tema: Carlos Leite para sempre na memória.

Abelardo Nogueira é ativo participante e concorrente dos concursos de poesia das UBTs Maranguape, Fortaleza e Ocara, nos quais já classificou vários trabalhos, obtendo distinta premiação e expressivo reconhecimento. Sendo, portanto, a poesia, um universo a percorrer e um encanto a desvendar.

Como cordelista, vasta é a sua obra, da qual boa parte teve menção especial em concursos de poesia, tais como na União Brasileira de Trovadores - UBT

Secção Maranguape:

- Balneário Cascatinha (2º lugar 2013. Prêmio Capistrano de Abreu).
- Manassés de Sousa – De Maranguape para o mundo 1º lugar. 2014
- Capistrano de Abreu - O Príncipe dos historiadores brasileiros 3º lugar. 2015.
- Elvira Pinho – A Dama da cultura maranguapense 1º lugar 2015.

UBT – Secção Ocara- no Concurso Literário Poeta Zé Mitôca:

- A poesia é semente / que Zé Mitôca plantou – mote, 1º lugar - 2015
- Sem ética, sem poesia / sem amor, sem esperança, mote, 1º lugar - 2016
- Lavoisier Ocarense / nossa estrela do futsal, mote – 1º lugar - 2017
- A saga de pai dodó, 3º lugar -2017
- A fábula do serrote (em referência ao Serrote de Ocara) 1º lugar – 2017
- O pescador, micro conto – 1º lugar - 2018

Entre outros ainda podemos destacar:

- Água, sustentabilidade e vida,
- Gislunina e o celular,
- Ana Maria Nascimento (biografia),
- Assentamento Antonio Conselheiro (23 anos de lutas e conquistas),
- Chico Soares – 100 Anos (Uma história de vida),
- Lembranças de minino véi sambudo,
- O casamento de Pitotim e Tica Coió,
- A jumenta do facebook (o debate entre Silvanar e Zé Cotó),
- Fransquim Filó (pense num sujeito enfezado...) e
- Agroecologia, cisternas de placa, porjeto rede maciço (relato final), requisitados pelo Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial da INTESOL / UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira), etc.

Somando-se a esses:

- Proezas do Cumpade Serotilde (causos)
- Maranguape à luz da poesia (poesia) a serem publicados.

Abelardo Nogueira é sócio fundador da UBT- Ocara e autêntico representante da cultura do Maciço de Baturité para o mundo.

Silvanar Soares Pereira

Licenciado em química e biologia pela UVA, em letras pela UFC, Bacharel em Administração Pública pela UNILAB, Radialista, Produtor Cultural e Agricultor Familiar

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Ressoe a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfaldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!

**Mesa Diretora
2019-2020**

Deputado José Sarto
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Danniell Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Evandro Leitão
1º Secretário

Deputada Aderlânia Noronha
2ª Secretária

Deputada Patrícia Aguiar
3ª Secretária

Deputado Leonardo Pinheiro
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

Inesp

João Milton Cunha de Miranda

Presidente

Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo

Coordenador

Cleomarcio Alves (Marcio), Francisco de Moura,

Hadson França e João Alfredo

Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção Braille

Mário Giffoni

Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios

Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira 2807,

Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,

Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500